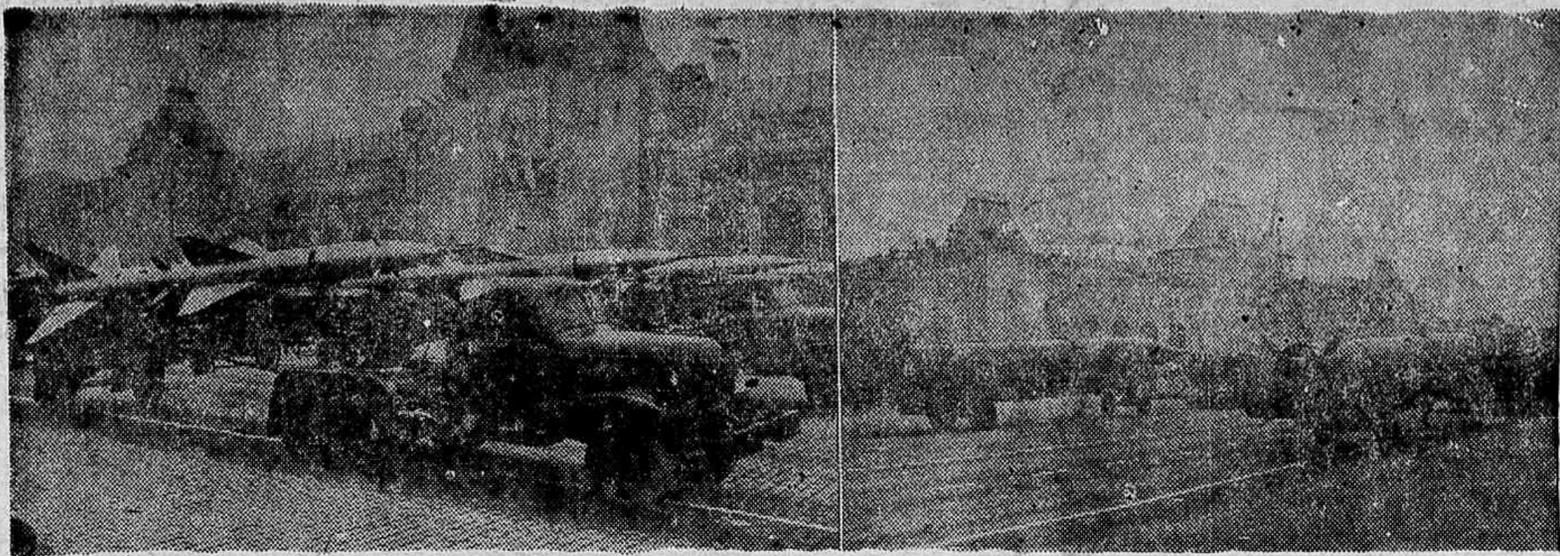


Entrevista de Kruschiov Que a Imprensa Americana Temeu Divulgar



LEIA NA 4a. página as declarações do 1.º secretário do PCUS ao jornalista H. Shapiro

PREÇO do Exemplo
3 00

Publicações que fazem a propaganda do imperialismo norte-americano, como "Visão" e "O Mundo Ilustrado" (hoje pertencente ao "Diário de Notícias") vêm procurando convencer os seus leitores de que os Estados Unidos estão no mesmo plano da União Soviética no que se refere aos projetos balísticos, inclusive intercontinentais. Será isto verdade? Kruschiov tratou do assunto com o jornalista H. Shapiro e disse coisas tão verdadeiras que a imprensa norte-americana fugiu de divulgá-las. No clichê acima, dois foguetes soviéticos, quando desfilavam na Praça Vermelha, em Moscou, na parada de 7 de novembro do ano passado.

UNIDADE INQUEBRANTÁVEL DO MOVIMENTO COMUNISTA INTERNACIONAL

PUBLICAMOS, em nossa edição passada, a Resolução do C.C. do P. O. B. a respeito da declaração da Conferência dos representantes dos partidos comunistas e operários dos países socialistas. Nesta Resolução, afirma o Comitê Central o seu inteiro apoio à referida Declaração e recomenda a todos os militantes e organizações partidárias o seu estudo e discussão.

AS CELEBRAÇÕES do 40º aniversário da Revolução Socialista de Outubro propiciaram o encontro, em Moscou, dos representantes de quase todos os partidos comunistas e operários do mundo. Ocorre tal fato, pela primeira vez, depois de muitos anos, assumindo, portanto, importância. Os encontros de Moscou não significaram a reconstituição de um centro dirigente do movimento comunista internacional, uma vez que tal espécie de centro não é requerida pelas condições atuais. Os encontros de Moscou significaram, porém, a reafirmação e o fortalecimento da unidade, da profunda solidariedade internacionalista, que é vitalmente indispensável aos partidos comunistas e operários independentes e iguais em direitos nas suas relações mútuas.

DOS ENCONTROS de Moscou saíram dois documentos de ampla repercussão mundial: o Manifesto pela Paz e a Declaração dos partidos comunistas e operários dos países socialistas.

O MANIFESTO pela paz foi assinado pelas delegações de 64 partidos, o que dá bem idéia das grandiosas dimensões atingidas pelo movimento comunista, que Marx e Engels fundaram há pouco mais de um século. O Manifesto foi assinado pela delegação do Partido Comunista do Brasil presente às celebrações de Moscou. Embora não tivesse assinado a Declaração — o que não indica a existência de divergências insuperáveis —, a delegação da Liga dos Comunistas Iugoslavos subscreveu o Manifesto pela Paz, fato indiscutivelmente auspicioso e que bem expressa o caminho já percorrido para corrigir errôneas e nocivas ruturas do passado.

O MANIFESTO pela Paz proclama perante as grandes massas da humanidade a posição de princípio pela coexistência pacífica dos partidos comunistas e operários, responsáveis pela direção governativa de um terço da humanidade e orientadores de poderosos movimentos de massa nos países capitalistas. O manifesto concita os povos à luta primordial pela paz, chamando-os a elevar a sua vigilância contra as maquinacões dos círculos belicistas e pondo toda a ênfase na possibilidade positiva de impedir uma nova guerra.

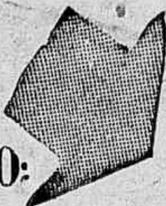
A MESMA posição de princípio é aprofundada pela Declaração, à qual o Comitê Central do nosso Partido acaba de prestar o seu apoio. Elaboraram e subscreveram a Declaração as delegações de doze partidos já detentores do poder estatal e dirigentes das mais profundas transformações sociais, que a História registra. A elaboração do documento não se fez porém, sem a prévia consulta às delegações dos partidos dos países capitalistas. A Declaração expressa, por isto mesmo, a esplêndida unidade de objetivos fundamentais de todos os setores do movimento comunista internacional, unidade que se concretiza historicamente em torno do poderoso centro de coesão e solidariedade, que é o primeiro Estado socialista, a grande União Soviética.

MÉRITO especial da Declaração consiste em que reafirma e aprofunda as teses de princípio e as perspectivas criadoras corajosamente apresentadas pelo XX Congresso do PCUS. Essas teses e perspectivas foram o resultado de experiências e comprovações anteriores, mas o importante é também que passaram brilhantemente pela prova dos difíceis acontecimentos dos dois últimos anos. Isto destaca somente a grande potência criadora do marxismo-leninismo, a sua capacidade de romper todas as estagnações e dominar, como nenhuma outra doutrina, os complexos fenômenos da época atual, fornecendo ao proletariado um insubstituível instrumento de interpretação e transformação da realidade social.

A DECLARAÇÃO generaliza teoricamente a riquíssima experiência de um longo período de lutas do movimento operário e chama a atenção para os perigos contra os quais é necessário combater no plano ideológico, isto é, contra o revisionismo e o dogmatismo. Analisando os traços essenciais de ambas essas tendências antimarxistas, caracterizando-as no quadro histórico atual, a Declaração presta valiosa ajuda aos partidos comunistas e operários de todo o mundo.

OS ENCONTROS de Moscou e os documentos que deles resultaram são uma demonstração brilhante da vitalidade ascendente do movimento comunista internacional. Esborçaram-se fragorosamente os partidos calcuados dos imperialistas, e de seus mais variados porta-vozes o ruído da fragmentação e do declínio desse movimento, que é a criação mais alta da humanidade, em sua irrefreável marcha progressista. O movimento comunista, que defende em cada país as causas mais patrióticas, se apresenta solidamente unido em escala internacional e forte das vitórias, que já tem no seu grandioso acervo, e dos ideais inscritos em sua gloriosa bandeira.

NESTE NÚMERO:



COMUNISTAS DE MUITOS PAÍSES SAÚDAM PRESTES

(Página central)

★
O SR. ARANHA, AS RELAÇÕES COM A URSS E A OTAN — Comentário Político — (3a. Página)

★
UM MILHÃO DE TRABALHADORES PAULISTAS EM PREPARATIVOS DE GREVE — Reportagem — (10a. Página)

★
SOLIDARIEDADE DOS MEIOS UNIVERSITÁRIOS AO PROFESSOR MÁRIO SHERBERG — (3a. Página)

★
TCHECOSLOVÁQUIA — UMA REPÚBLICA DEMOCRÁTICA FLORESCENTE — Reportagem — (12a. Página)

VOZ OPERÁRIA

N. 449 · RIO DE JANEIRO, 11 DE JANEIRO DE 1958

Reatamento de Relações Com a URSS
Fonte de Divergências no Seio do Governo
REPORTAGEM DE FRAGMON CARLOS BORGES
(Leia na página central)

UNIDADE AFRO-ASIÁTICA CONTRA O COLONIALISMO

A Declaração Final e as Resoluções Especiais

Ao encerrar seus trabalhos, a 1ª de Janeiro, depois de sete dias de sessões, a Conferência de Solidariedade Afro-asiática aprovou uma declaração final, na qual, depois de ressaltar que os povos da África e da Ásia conseguiram entender-se sobre um programa de ação comum, afirma-se:

«Renovamos nosso compromisso de obedecer sem reserva aos dez princípios que foram aprovados pelos nossos povos durante esses últimos anos 1) Respeito aos direitos fundamentais do homem e aos princípios e objetivos da Carta das Nações Unidas; 2) Respeito à soberania de todos os povos e da integridade de seus territórios; 3) Reconhecimento da igualdade de todas as raças e de todas as nações, pequenas ou grandes; 4) Abstenção de qualquer intervenção nos negócios internos de nossos países; 5) Respeito aos direitos que têm todas as nações de defender-se individual ou coletivamente, segundo a Carta da ONU; 6) Abstenção da utilização dos organismos de defesa coletiva para a realização de objetivos particulares de qualquer grande potência e abstenção de qualquer potência do exercício de meios de pressão sobre outros países; 7) Abstenção de ações agressivas e de ameaças ou do emprego da força contra a segurança nacional ou a independência de qualquer país; 8) Regulamentação de todos os desacordos internacionais por meios pacíficos, tais como negociações, conciliações, arbitragens jurídicas ou outros quaisquer métodos pacíficos escolhidos pelas partes interessadas, segundo a Carta da ONU; 9) Desenvolvimento de objetivos comuns e de nossa cooperação; 10) Respeito à justiça e às obrigações internacionais.»

Como se sabe, esses são os 10 princípios adotados em...

1955 pela histórica Conferência de Bandung, e que reafirmaram a política de paz e coexistência pacífica contida nos 5 princípios (Pansh-shila) da declaração Nehru-Chou-en-Lai de 28 de junho de 1954. A declaração prossegue afirmando a vontade de todas as delegações de que a aplicação desses princípios possa «capuzigar» a atual tensão mundial e suprimir o medo do aniquilamento de milhões de pessoas».

Em continuação a conferência declara que «os fundamentos da paz não podem ser solidamente estabelecidos enquanto não for dissipada a atual tensão. Saudamos todo passo que se der nesse sentido. Apelamos a todos os povos da terra a empregarem todos os seus esforços para a criação de uma zona de acordos e de bom entendimento, que conduzirão inevitavelmente ao desarmamento e à interdição da produção de armas nucleares, assim como de suas provas e de seu uso».

«Apelamos a todos os povos do mundo para realizarem as suas pesquisas científicas e a utilização da energia nuclear tendo em vista desígnios pacíficos e servindo à humanidade, assim como para a realização da prosperidade e da cooperação integral entre os povos, sobre a base da igualdade e segundo a Carta da ONU».

A declaração trata, em seguida, a questão «do domínio imperialista, da exploração estrangeira e dos males que disso resultam». Afirma que esses fenômenos constituem «uma negação dos direitos fundamentais do homem e uma violação da Carta da ONU».

A esse respeito afirma: «A continuação da existência do imperialismo não é compatível com a nova era, na qual o mundo entrou atualmente.

Os povos da África e da Ásia acreditam firmemente nos direitos de cada povo à sua liberdade e à sua independência».

A declaração termina, expressando a vontade de união e de trabalho em comum dos povos da África e da Ásia e acrescenta: «A humanidade pode encarar o seu futuro com esperança e confiança. Essa é a mensagem de Ano Novo da Conferência dos povos Afro-Asiáticos ao mundo inteiro».

Além dessa declaração, foram aprovadas quinze resoluções especiais, e criados dois organismos permanentes.

Os títulos dos capítulos dessas resoluções são os seguintes: 1) — Condenação da intervenção estrangeira nas questões internas dos países; 2) — Condenação da intervenção nas questões externas de cada país; 3) — Condenação dos Pactos militares e políticos, assim como do estabelecimento de bases militares; 4) — Reconhecimento da independência de Omã; 5) — Apoio às reivindicações dos povos árabes do Golfo Pérsico e da Ilha de Behrein, a favor de sua independência; 6) — Apoio ao pedido do novo indonésio a favor do retorno a Novo Guiné Ocidental a Indonésia; 7) — Recomendação junto à ONU a favor de uma representação de todos os países da Ásia e da África nas Nações Unidas; 8) — Admissão da China Popular na ONU; 9) — Estabelecimento de um secretariado permanente na Conferência, tendo seu quartel-general no Cairo; 10) — Apelo a favor da unificação da Coreia; 11) — Apelo a favor da organização de eleições livres no Viet-Nam, tendo em vista a reunificação do país; 12) — Afirmação do direito de todos os países de decidir nacionalizações; 13) —

Condenação, como ilegal, do bloqueio dos bens de um país no estrangeiro; 14) — Condenação do mercado comum europeu, como sendo uma tentativa destinada a esmagar as aspirações dos povos de libertarem-se da dominação colonial; 15) — Denunciar Israel como base do imperialismo e ameaça contra a paz no Oriente Médio e no mundo inteiro».

Finalmente, sabe-se que durante a última sessão, a conferência adotou declarações condenando as armas nucleares e suas experiências e pedindo um desarmamento geral.

Dois organismos permanentes, instalados no Egito, prosseguirão a ação empreendida pela Conferência de Solidariedade Afro-Asiática.

A principal decisão prática tomada pela conferência versou sobre a criação de um Conselho de Solidariedade dos Povos da África e da Ásia e de um Secretariado permanente.

A resolução da Comissão de Organização, adotada por unanimidade pelas delegações afirma que o Conselho e o Secretariado deverão colocar em execução as resoluções e recomendações da conferência e reforçar os laços entre os movimentos de «solidariedade afro-asiática criados ou a serem criados em cada país dos dois continentes». Eles deve-



Gamal Abdel Nasser, presidente do Egito

rão, igualmente, desempenhar a função de meio de ligação permanente entre os diversos países.

AJUDA ECONÔMICA DESINTERESSADA

OS PONTOS culminantes da Conferência de Solidariedade Afro-asiática, na opinião unânime dos observadores, foram duas intervenções do chefe da delegação soviética, Rachidov Charaf Rachidovich. Na primeira delas, falando em nome de seu país o delegado soviético ofereceu a todas as nações representadas na Conferência auxílio econômico e técnico, inteliramente desligado de quaisquer condições políticas.

As palavras do delegado soviético que reproduzimos na edição passada, definem com clareza as novas e amplas perspectivas que se abrem para o desenvolvimento econômico das nações chamadas «sub-desenvolvidas», graças à ajuda do poderoso campo dos países socialistas.

Não menos importante que essa intervenção foi o discurso final do chefe da delegação soviética, frequentemente interrompido por vivos aplausos.

Foram as seguintes, segundo as agências telegráficas, as principais declarações de Rachidovich nesse discurso:

«É difícil subestimar a importância desta reunião, à qual mais de 40 países da Ásia e da África estão representados» — disse o sr. Rachidov. Após lembrar que em Bandung 29 países haviam condenado o colonialismo e proclamado os princípios da coexistência pacífica, Rachidov acrescentou: São essas as próprias bases da política estrangeira de numerosos países de todos os continentes e esses princípios têm o inteiro apoio da União Soviética.»

Afirmou, a seguir, que o espírito e as idéias dessa conferência são aprovados «por todas as pessoas honestas do mundo, porque, sendo antimperialista, anticolonialista e antibelicista, a conferência é justa, progressiva e humana. O povo soviético aprova inteiramente e dá todo o seu apoio à consolidação das forças dos países afro-asiáticos, que representarão doravante um papel importante na ampliação da zona da paz no combate contra o sistema podre e contra a pirataria do imperialismo que vive, agora, seus últimos dias».

Prosseguindo, Rachidov disse que a opressão dos outros povos, a interferência em seus assuntos internos, sempre sempre simpatizou com a luta dos povos da China, Índia, Indonésia, Egito, Coreia, Vietnã, Birmânia, Sria, Líbano, Sudão, Argélia, Tunísia, Iemen e Omã.

«Vossa conferência de solidariedade — acrescentou — marca uma nova consolidação e a unificação de todas as forças dos povos do Oriente em um combate comum contra o imperialismo, pela libertação completa dos povos afro-asiáticos da dominação política e econômica dos Estados imperialistas».

«Irmãos e amigos, erguem a cabeça: o fim de vossa escravidão está próximo», disse finalmente Rachidov, em meio a aclamações, sendo cumprimentado por todos os chefes de delegações.

Leia
DA TEORIA MARXISTA DO CONHECIMENTO
De M. Rosental

Crônica Internacional

O governo da União Soviética anunciou na noite de 6 do corrente uma nova redução dos efetivos de suas forças armadas. Essa redução será de trezentos mil homens, incluindo a retirada de quarenta e um mil soldados do território da República Democrática Alemã e de sessenta mil do território da Hungria. Essa é a terceira redução de seus efetivos feita unilateralmente pela União Soviética nos últimos três anos — 640.000 homens em 1955 e 1.200.000 homens em 1956. O governo da União Soviética declara que tomou essa decisão orientado pela política de paz e amizade entre as nações e pelo sincero desejo de reduzir a tensão internacional.

«Ao dar este passo unilateralmente como preliminar a um acordo sobre o desarmamento», diz o comunicado oficial, «o governo da U.R.S.S. considera uma nova e grande contribuição para a causa do alívio da tensão e da confiança nas relações entre os Estados». «O governo da U.R.S.S. manifesta a esperança de que este ato de boa vontade servirá de exemplo para outros Estados, e primordialmente para as principais potências da OTAN, Estados Unidos, Grã Bretanha e França, que possuem grandes forças armadas, para que tomem medidas práticas destinadas a reduzir suas forças armadas e conter a corrida armamentista, que é penosa e perigosa para os povos». «Os fundos economizados como resultado desta última redução das forças armadas e dos gastos militares, serão destinados pelo governo soviético à construção pacífica e a novas melhorias dos níveis material e cultural do povo». «Os homens desmobilizados receberão trabalho nos locais de sua residência».

Trata-se assim de mais um ato concreto da União Soviética que demonstra sua disposição para seguir o caminho do desarmamento. Além desse ato e das demais propostas contidas nas cartas de Bulgárin aos países membros da OTAN, a União Soviética, tem insistido, nos últimos dias, na cessação das experiências de armas nucleares, medida que está pronta a adotar imediatamente logo que as potências ocidentais se declarem de acordo com a mesma.

NOVOS ATOS CONCRETOS DA URSS NO CAMINHO DO DESARMAMENTO

Não há sofisma nem interpretação tendenciosa que consiga, aos olhos dos povos, fazer desaparecer esses gestos da União Soviética. Os governos das potências imperialistas, sob a pressão da opinião pública mundial, estão sendo cada vez mais forçados a levar em conta as propostas de desarmamento da U.R.S.S.. Exemplo disso foram as recentes declarações do primeiro ministro inglês, Mac Millan, favoráveis a um tratado de não agressão entre as nações membros da OTAN e a União Soviética, muito próximas da proposta de Bulgárin de um pacto de não agressão entre os países da OTAN e os do Tratado de Varsóvia. O sr. Mac Millan fez essas declarações às vésperas de uma viagem de mais de 50 mil quilômetros acordos concretos de desarmamento, começando pela suspensão de não agressão entre as nações membros da OTAN e a União Soviética, muito próximas da proposta de Bulgárin de um pacto de não agressão entre os países da OTAN e os do Tratado de Varsóvia. O sr. Mac Millan fez essas declarações às vésperas de uma viagem de mais de 50 mil quilômetros acordos concretos de desarmamento, começando pela suspensão de não agressão entre as nações membros da OTAN e a União Soviética, muito próximas da proposta de Bulgárin de um pacto de não agressão entre os países da OTAN e os do Tratado de Varsóvia.

Outra proposta contida nas cartas de Bulgárin, e que também está tendo, nos últimos dias, grande repercussão, é aquela na qual a URSS apoia a medida sugerida pelo governo polonês, conhecida como «plano Rapacki», que consistiria na criação de uma zona sem armas nucleares na Europa Central, compreendendo as duas Alemanhas, a Tchecoslováquia, a Polónia e possivelmente ainda outros países. Essa proposta está sendo fortemente apoiada pelos mais variados setores da opinião pública da República Federal Alemã (Alemanha Ocidental). Amadurecem assim as condições para que as forças da paz, unindo seus esforços em todo o mundo, logrem impor os primeiros acordos concretos de desarmamento, começando pela suspensão das experiências com armas nucleares.

Comentário Político

O SR. ARANHA, AS RELAÇÕES COM A U.R.S.S. E A OTAN

Enquanto, na política interna, prosseguem os debates e as manobras em torno do projeto de prorrogação de mandatos, exigindo atenta vigilância da opinião pública, as questões mais agudas ainda se localizam no terreno da política externa.

A essas questões aludiu com franqueza e coragem, o sr. Oswaldo Aranha, numa entrevista concedida em Paris. Repetindo declarações anteriores, ainda em Nova York, o chefe da nossa delegação à Assembléia Geral da ONU manifestou-se favorável às relações tanto diplomáticas como comerciais com a União Soviética e demais países socialistas. Aludiu o sr. Oswaldo Aranha, abertamente, à posição contrária do chanceler Macedo Soares. Respondeu, assim, aos ataques que lhe endereçou a imprensa ligada ao ministro das Relações Exteriores. Estamos, pois, diante de um conflito aberto e declarado entre este último e o chefe da nossa principal delegação diplomática no exterior.

Em Paris, entretanto, o sr. Oswaldo Aranha abordou mais uma questão aguda da política exterior: a adesão à OTAN, segundo a já conhecida «doutrina Prado». Também aqui o sr. Aranha se colocou contra o ministro Macedo Soares. Não vê porque, sendo nação sul-atlântica, deva o Brasil se comprometer com um pacto que só tem a ver com os países setentrionais. O argumento é apenas geográfico, porém não deixa de ser inteligentemente válido.

O fato é que, com as suas recentes entrevistas, falando embora em nome pessoal, tornou o experimentado homem público, que é o sr. Oswaldo Aranha, uma posição consentânea com os interesses nacionais no que se refere à política exterior. Convém lembrar que ele já foi também responsável pelo Itamarati e que, naquela época, contribuiu para colocar o Brasil ao lado das Nações Unidas, contra o nazi-fascismo, embora estivéssemos em pleno domínio do Estado Novo. Não admira o apoio que o ex-chanceler vem obtendo no seio da opinião pública, a aprovação que lhe dão os setores interessados em

mudanças pelo menos iniciais em nossa política exterior.

Enquanto isto, o clericalíssimo Macedo Soares, se obstina, com a sua equipe de entreguistas, em manter o Itamarati como simples dependência auxiliar do Departamento de Estado de Washington.

O sr. Juscelino Kubitschek se proclama, com muita frequência, defensor do desenvolvimento econômico do país. Mas, ao que parece agora, ce-

de e retrocede diante da pressão indebita do cardeal d. Jaime e dos círculos pró-americanos. Aguarda-se assim, com interesse fora do comum, o pronunciamento do presidente da República no dia 25 próximo.

Seja como for, o que é certo, porém, é que a normalização das nossas relações com a União Soviética e os outros países socialistas se tornou uma das reivindicações de caráter mais nacional na hora presente. E, por isto, não poderá deixar de ser vitoriosa, como foi o caso, por exemplo, do monopólio estatal do petróleo.

O NACIONALISMO NA UNIVERSIDADE

O professor Alberto Latorre, paraninfo a turma que concluiu o curso na Escola Nacional de Educação Física e Desportos da Universidade do Brasil, pronunciou importante discurso de cunho nacionalista, abordando problemas ligados ao desenvolvimento independente de nossa pátria. Desenvolvimento econômico e nacionalismo, afirmou o prof. Latorre, são os temas obrigatórios das preocupações dos homens responsáveis.

Tal nacionalismo, transformado em bandeira de luta da maioria da nação, nada tem de xenofóbico, de isolacionista. Não pretendem, os nacionalistas brasileiros, conduzir a nossa pátria ao insulamento com relação às outras nações, ou o nosso povo ao ódio aos demais povos. Trata-se de um nacionalismo sadio, que visa a libertar o Brasil do jugo político e econômico do imperialismo, repelir as extorsões econômicas do tipo colonialista ou que pretendam, a título de auxílio, manietar a plena liberdade política do país.

O nacionalismo, afirmou o prof. Latorre, é partidário do

estritamento de nossas relações com gregos e troianos, sem exclusões preconcebidas, pois, devemos aprender com a experiência dos povos de outros países, submetendo-a porém, ao cadinho de nosso esforço criador, adaptando-a às condições nacionais.

A prática dessa política nacionalista tem encontrado dificuldades, internamente, na falta de homogeneidade na composição do Governo. Reconhecendo a existência, no seio do governo do sr. Juscelino Kubitschek, de colaboradores nacionalistas, o prof. Latorre afirma que existem auxiliares cuja conduta é incompatível com a dinâmica do processo econômico-social brasileiro em desenvolvimento.

Os discursos dos profs. Latorre e Azulay e, particularmente, o manifesto dos mais destacados cientistas brasileiros pela cessação das explosões termonucleares experimentais, mostram expressivamente que a intelectualidade brasileira toma posição cada vez mais decidida em favor de causas progressistas, como a paz e a independência nacional.

Intolerável Atentado Contra A Liberdade de Expressão

VEEMENTES PROTESTOS DOS MEIOS UNIVERSITARIOS PAULISTAS DIANTE DAS ARBITRARIEDADES DO GOVERNADOR JANIO QUADROS — SOLIDARIEDADE AOS PROFS MARIO SCHEMBERG E JOAO CRUZ COSTA

Os meios culturais paulistas e de todo o país estão agitados com a crise surgida entre o governador Jânio Quadros e a Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo.

O «affaire» teve início com a atitude intempestiva do governador paulista, ao considerar desrespeitosos os termos de uma entrevista do professor Mário Schemberg, catedrático de Física teórica na qual o prestigioso homem de ciência condenava a morosidade da tramitação do processo de liberação de verbas para o reaparelhamento do Departamento de Física que dirige, e a demora na contratação do cientista César Lattes para lecionar naquela escola superior. Considerando ofendida a sua autoridade, o governador Jânio Quadros exigiu da Congregação da Faculdade de Filosofia medidas administrativas contra o prof. Mário Schemberg. Esta, porém, em nota pública, manifestou solidariedade a aquele professor, nada encontrando em sua entrevista que pudessem ser considerado como ofensivo ao governador do Estado, e protestando contra a atitude do Conselho Universitário, que se colocara ao lado do governador.

Tendo sido mal recebidos pelo governador, os membros da Congregação da Faculdade de Filosofia, quando estiveram em palácio para tratar do assunto, o prof. Euripeides Simões de Paula, seu diretor, pediu demissão do cargo que ocupava, sendo acompanhado em seu gesto pelo vice-diretor e numerosos outros professores que ocupavam cargos de confiança do governador, entre os quais os profs. Haroldo Azevedo, Sérgio Buarque de Holanda e Lourival Gomes Machado. Em solidariedade a eles vários diretores de Faculdades de Filosofia do interior paulista também pediram demissão.

A crise agravou-se, ainda mais, com a punição imposta pelo sr. Jânio Quadros ao professor João Cruz Costa, catedrático de Filosofia, da



Prof. Mário Schemberg

mesma Faculdade, pelo fato de ter se manifestado pela imprensa em solidariedade a seus colegas de magistério.

A atitude do sr. Jânio Quadros, provocou, como era de se esperar, imediata reação dos meios universitários e estudantis paulistas. A Congregação da Faculdade de Filosofia manifestou, publicamente, a sua condenação à atitude do governador do Estado, como um desrespeito à liberdade de manifestação do pensamento e uma interferência indebita em assuntos de sua alçada, ao tempo em que hipotecou irrestrita solidariedade ao professor alvo da fúria do chefe do Executivo paulista. Esse gesto da Congregação foi seguido do apoio do Grêmio Estudantil da Faculdade de Filosofia que decretou uma greve simbólica e dirigiu-se a outras agremiações e ao Pacto de Unidade Inter-Sindical solicitando manifestações no mesmo sentido.

O movimento de solidariedade aos professores paulistas, vítimas de um gesto despótico do governador Jânio Quadros, e de protesto contra a tentativa daquela autoridade de cercear o direito de crítica e livre manifestação do pensamento assegurado pela Constituição, recebeu a adesão de numerosas organizações estudantis daquele Estado e

a simpatia dos homens de cultura de todo o país. Professores da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais também hipotecaram solidariedade a seus colegas paulistas, e manifestaram a sua condenação à violência de que estes últimos foram vítimas.

A intolerância do governador Jânio Quadros, tentando tutelar os professores universitários paulistas, a pretexto de que são funcionários públicos, e impor-lhes o silêncio diante de atos contrários à Universidade, é profundamente condenável, e, por isso mesmo, o repúdio da consciência democrática dos mais destacados homens de cultura de todo o país.

O caso Muniz Falcão

Ato positivo para a democracia foi a decisão recente do Supremo Tribunal Federal, considerando nulo o sorteio realizado pela Assembléia Legislativa de Alagoas para escolha de metade do tribunal misto, que deve julgar o governador Muniz Falcão.

Como se sabe aquele sorteio se realizou de modo fraudulento, sem qualquer publicidade prévia, inteiramente à feição da maioria oposicionista.

O STF exigiu que se cumprissem rigorosamente as normas estabelecidas para o sorteio. Isto dá maiores chances ao sr. Muniz Falcão de que a composição do tribunal misto, não venha a ser de dois terços de seus adversários, impedindo-os assim de alcançar o «quorum» mínimo de votos para a deposição definitiva do governador. Além disto, uma vez esgotado o prazo para o julgamento (dia 14 próximo), sem que este se realize o governador terá direito automaticamente a retornar ao seu posto. É o que espera a opinião democrática do país.

Numerosos cientistas brasileiros entre os mais destacados, acabam de enviar ao Conselho Científico do Japão e ao professor norte-americano Linus Pauling, um memorial em que condenam a continuação das experiências com bombas atômicas e de hidrogênio.

Com esse gesto, os homens de ciência do Brasil expressam o seu apoio a manifestações idênticas de seus colegas de diversos países, particularmente dos Estados Unidos, Alemanha e Japão, exprimem as preocupações de nosso povo já refletidas em movimentos de opinião pela interdição daqueles engenhos de destruição maciça, e zelam, como dizem em seu memorial, pelas «tradições humanas e pacíficas de nossa ciência».

O manifesto é prestigiado por nomes do porte dos Srs. Arthur Moses, biólogo e presidente da Academia Brasileira de Ciências, Anísio Teixeira, reconhecida autoridade em pedagogia, Mário Schemberg, Jaime Tiomno e César Lattes, físicos de renome internacional, Samuel Pessoa, da Universidade de São Paulo, Maurício Rocha e Silva e outros.

O MANIFESTO

É o seguinte o texto do manifesto, com as assinaturas que o apoiam:

«Nos últimos meses, repetidas advertências têm sido feitas por personalidades e associações científicas sobre a insuficiência de nossos conhecimentos em relação às possíveis consequências da contaminação de todo o planeta pela radioatividade resultante das explosões nucleares experimentais. Pronunciaram-se nesse sentido dezoito destacados cientistas alemães, o Professor Linus Pauling, acompanhado de dois mil cientistas e pesquisadores norte-americanos, o Conselho

CIENTISTAS BRASILEIROS MANIFESTAM-SE

CONTRA AS EXPLOSÕES NUCLEARES

IMPORTANTE DOCUMENTO ASSINADO POR NOMES DESTACADOS DE PROFESSORES E PESQUISADORES — A ORIENTAÇÃO PACÍFICA DA INTELIGÊNCIA DO DISCURSO DO PROFESSOR AZULAY

Científico do Japão e altas personalidades científicas do Brasil. Esses pronunciamentos vieram confirmar as justas preocupações que já existiam em diversos setores da sociedade.

«As altas esferas da política mundial esforçam-se por encontrar uma solução para o angustioso problema. Já se cominha na ONU, para um acordo que permita a suspensão temporária de provas nucleares experimentais. Os cientistas brasileiros abaixo assinados, fiéis às tradições humanitárias e pacíficas de nossa ciência, regozijam-se por estes entendimentos e encarecem a necessidade de um completo entendimento que venha afastar os perigos da contaminação radioativa e permitir uma expansão mais rápida das aplicações pacíficas da energia atômica».

Assinam o manifesto os seguintes cientistas: Anísio Teixeira, Haity Moussatche, Erasmo G. Mendes, W. T. Beraldo, José Candido de Mello Carvalho, Arthur Moses,

Arnould Rocha e Silva, Michel Rabinovith, Carlos Ribeiro Diniz, Hanna Rothchild, Giorgio Schreiber, Lauro Sollero, J. Leal do Prado, Metrid Bacila, Sebastião B. Henriques, Olga B. Henriques, G. G. Vilela, Herman Lent, Maurício Rocha e Silva, José Leite Lopes, Mário Schemberg, José Goldemberg, Jaime Tiomno, Elisa Frota Pessoa, Antonio Augusto Lopes Zamith, Haim Samuel Honig, Cândido Silva Dias, Carlos Paula Couto, Hugo de Souza Lopes, Amadeu Cury, Mario Vianna Dias, W. Lobato Paraense, Jacques Danon, Paulo Mello Freire, Ricardo Carvalho Ferreira, Henrique Tastaldi, Maria Laura Leite Lopes, Décio Franco Amaral, Franklin de Moura Campos, Carlos da Silva Lacaz, Luiz Carlos Junqueira, Renato Toledo Piza, Samuel Pessoa, A. Vallejo, A. Prouvost-Danon, Oswaldo Frota Pessoa, Saul Schemberg, Paulo de Góes, Leonidas Mello Deane, Odorico Machado de Souza, Vicente Amaro Netto, Alberto Carvalho da Silva, José Ferreira Fernandes, João C. Parana, Adolfo Martins Pe-

na, Isaias Raw, César Lattes e Luiz F. La Bourlaur.

O ALERTA DO PROFESSOR AZULAY

A tendência da intelectualidade científica, expressa no manifesto, também se manifestou no discurso pronunciado pelo prof. David Azulay, como paraninfo da turma de doutorandos da Faculdade Fluminense de Medicina.

O professor David Azulay fez esclarecedoras revelações sobre a presença do Estrôncio-90 em alimentos consumidos pelos cariocas, confirmando, assim, conclusões a que já chegara o Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas ao constatar fortes ocorrências de radioatividade nas águas das chuvas.

O professor Azulay, condenando o prosseguimento das explorações nucleares, pelos graves riscos que elas representam para o futuro da humanidade, declarou que suas consequências ruins já se fazem sentir em nossa pátria. O exame, por cientistas da Organização das Nações Unidas, de ossos de cadáveres enviados do nordeste brasileiro, constatou a presença neles de elevado teor de elementos radioativos. Aqui mesmo foram encontrados fortes indícios de Estrôncio-90, elemento específico resultante das explosões atômicas, na urina de um dos vestibulandos da Faculdade de Medicina.

Diante de uma assistência estupefata, pelas graves revelações que ouvia, o professor David Azulay alertou o nosso povo para o perigo que representa o consumo de alimentos de origem animal, como leite e manteiga, contaminados pelas poeiras radioativas trazidas pelas nuvens de chuvas.

OS ESTADOS UNIDOS NÃO ESTÃO EM CONDIÇÕES DE VENCER UMA NOVA GUERRA

- ★ Uma entrevista de Kruschiov a H. Shapiro, que a imprensa norte-americana não quiz divulgar
- ★ Os EE.UU. sofrerão em seu próprio território a violência de uma nova guerra
- ★ Considerações sobre os foguetes balísticos, as bases militares e a aviação estratégica
- ★ Porque a URSS se retirou do Sub-comitê de desarmamento
- ★ A solução está na coexistência pacífica
- ★ As relações entre os Partidos Comunistas e Operários.
- ★ Problemas internos da URSS

A 14 de novembro de 1957, o camarada N. S. Kruschiov, primeiro secretário do CC do PCUS, concedeu uma entrevista, em Moscou, ao correspondente-chefe da "United Press", Henry Shapiro. Na entrevista, o camarada Kruschiov pôs a nu de tal maneira as debilidades militares dos Estados Unidos, que a imprensa ocidental não lhe deu quase nenhuma difusão. Nos Estados Unidos, foram inteiramente omitidos os trechos "críticos". A seguir reproduzimos os trechos de maior atualidade da referida entrevista.

H. Shapiro: Poderéis dizer-me, Sr. Kruschiov, quais são as perspectivas do desenvolvimento da União Soviética no próximo período no domínio das mudanças da estrutura política, estatal, da URSS, e no domínio do desenvolvimento da cultura?

N. Kruschiov: Não sei se é o que esperais de mim, mas posso dizer-vos que a nossa economia se desenvolve muito bem. Temos sérias realizações tanto na indústria como na agricultura. Existem atualmente entre nós possibilidades ainda maiores para continuar a desenvolver a economia, a melhorar as condições de vida dos trabalhadores, a elevar o nível de vida material e cultural do povo. A reorganização da direção da indústria e da construção, a qual procedemos este ano, a extensão dos direitos das Repúblicas federais e dos organismos locais, permitem utilizar mais plenamente e mais racionalmente os enormes recursos de que dispomos. Melhores condições são criadas para elevar a produtividade do trabalho dos operários, reduzir o preço de custo da produção, e, conseqüentemente, para obter maiores acumulações na indústria. Isso permite conceder créditos para o desenvolvimento de todos os ramos da indústria, para a intensificação da construção de habitações, de edifícios de interesse cultural e público e para elevar diretamente o salário dos trabalhadores.

Cada ano novas forças afluem à nossa indústria: são os jovens operários melhor instruídos. Antes, a classe operária era recrutada principalmente entre os jovens do campo dos quais muitos eram pouco instruídos e deviam durante um período bastante longo, aprender a utilizar-se das máquinas. Agora vamos chegar à indústria gente com uma instrução de 7 e 10 anos, e tendo uma grande parte recebido além disso uma formação profissional de dois anos. Em conseqüência, não é mais o mesmo operário que vem para a produção. Evidentemente isso se traduz numa melhor organização da produção, melhor utilização da técnica, do material, na obtenção de uma produtividade do trabalho mais elevado.

A FUNÇÃO DO ESTADO SOVIÉTICO

H. Shapiro: Gostaria de vos perguntar sobre a teoria do perecimento gradual do Estado.

N. Kruschiov: Na verdade este processo já está em curso. Durante o desenvolvimento do Estado soviético, mudam as funções de direção do Estado, certos órgãos coercitivos sofrem modificações. Quanto ao nosso exército, preenche uma função de defesa do Estado soviético contra um ataque exterior.

Tomai nossos organismos judiciários. O número de criminosos diminuiu consideravelmente na URSS. A nossa milícia e nossos organismos judiciários se ocupam no mais das vezes dos atos de desordem ou dos crimes de direito comum, enquanto os delitos políticos tornaram-se, entre nós, casos raros.

Entre as pesadas que sofreram merecidas penas, nos últimos anos, por sua atividade anti-soviética, a maior parte foi de agentes enviados do exterior para a URSS. Os nossos organismos montam guarda com vigilância, aos interesses do povo, aos interesses do Estado soviético e desmascaram esses agentes. Neste assunto, a própria população o nosso povo soviético, desempenha um papel considerável, podemos dizer decisivo.

Nós nos inspiramos na doutrina marxista-leninista do Estado, nas notáveis teóricas expostas por V. Lênin em sua obra clássica «O Estado e a Revolução». Sempre dissemos e dizemos que os organismos coercitivos do Estado perecerão gradualmente e afinal desaparecerão, da mesma forma que o próprio Estado desaparecerá. Evidentemente isso não se produzirá de um golpe, mas gradualmente, a uma certa etapa do desenvolvimento da sociedade comunista. Seria um erro muito grosseiro, um desvio esquerdista, se enfraquecêssemos agora os nossos organismos de direção estatal, se suprimíssemos os nossos organismos coercitivos, que são atualmente, como disse, principalmente organismos de defesa contra atividades dos inimigos do exterior.

O nosso Estado socialista e os seus organismos realizam um grande trabalho de educação entre os cidadãos soviéticos. E é isso que faz a força do nosso Estado. Se observastes objetivamente a vida na União Soviética deveis ter notado o apoio do povo de que gozam todas as medidas tomadas pelo Estado Soviético para lutar contra os fenômenos anti-sociais, contra os elementos que perturbam o trabalho pacífico dos Soviéticos. Lutamos contra as sobrevivências do capitalismo na consciência das pessoas. Mas é visível que numa certa parte da população estas sobrevivências subsistirão por um período ainda prolongado porque o processo de sua eliminação é bastante longo e complexo.

Além disso, o perecimento do Estado depende muito da

situação internacional. Se os acontecimentos internacionais se desenvolvem mais rapidamente no sentido progressista, o perigo de um ataque vindo do exterior desaparecerá progressivamente. E isso significa que as forças armadas da União Soviética serão reduzidas, que se reduzirão e se modificarão todos os outros organismos de nosso Estado. Eis o que se pode dizer, brevemente, sobre esta questão.

A TAREFA DE ULTRAPASSAR OS EE.UU.

H. Shapiro: No informe à recente sessão do Soviet Supremo dissestes que a União Soviética alcançará e ultrapassará os Estados Unidos no plano da produção, no curso dos próximos quinze anos. A seguir citastes os algarismos concernentes à produção do essencial, da indústria pesada. A vossa afirmação diz também respeito ao nível de vida do povo soviético?

N. Kruschiov: Sem nenhuma dúvida.

H. Shapiro: Isso significa que dentro em quinze anos a União Soviética estará no mesmo nível dos Estados Unidos?

N. Kruschiov: No que toca à produção dos gêneros alimentícios, será muito mais cedo. O que é o nível de vida? O que é que o determina? Ele é determinado pela satisfação das necessidades materiais e espirituais do homem. Tomemos inicialmente a satisfação das necessidades alimentares. Atualmente as necessidades dos Soviéticos em pão e legumes estão inteiramente asseguradas. Tudo já está em marcha para assegurar completamente no curso dos próximos anos as suas necessidades em manteiga, carne e leite.

Já obtivemos uma elevação importante do nível de vida dos Soviéticos. Mas compreendemos que a União Soviética produz menos por habitante que os Estados Unidos. Entretanto, a diferença quanto ao consumo desses produtos entre a URSS e os Estados Unidos é menor do que quanto à produção porque os Estados Unidos exportam muito. A produção e o consumo são noções diferentes. Os colcosianos e os trabalhadores da agricultura fixaram a tarefa de alcançar os Estados Unidos no curso dos próximos anos quanto à produção de leite, manteiga e carne por habitante. São os principais produtos alimentares.

H. Shapiro: Falais da alimentação; qual é a situação para os outros artigos de amplo consumo?

N. Kruschiov: Eu falo inicialmente da alimentação porque nós os Russos temos um provérbio que diz: se a casa é bela não é por que esteja bem arrumada mas porque a mesa é bem provida.

Vejam os agora a questão da construção de habitações. Conheceis, sem dúvida, a decisão recentemente tomada pelo partido e pelo governo soviético: foi fixada a tarefa de satisfazer, em dez a doze anos, as necessidades da população em moradias. Queremos assegurar a cada família um apartamento, não uma peça, mas um apartamento. Não posso dizer em que medida serão esses apartamentos todos bons. Em dez ou doze anos, construiremos apartamentos que não terão todos, sem dúvida, todas as acomodações capazes de satisfazer a todos. Para isso será necessário mais tempo evidentemente. Mas em todo o caso suprimiremos a insuficiência de habitações e criaremos as condições de vida normais no que concerne à moradia na cidade e no campo. É possível que no campo esta tarefa seja realizada muito mais cedo.

No que concerne à entrega aos soviéticos de casas de repouso e de cura podemos sustentar a comparação com qualquer país. Em nenhuma parte se trata tanto do repouso dos trabalhadores como no país do socialismo. Ou então, tomai por exemplo, os serviços médicos. Entre nós todos os cidadãos têm direito ao tratamento e à hospitalização gratuitos. E os serviços médicos vão continuar a melhorar sem interrupção.

H. Shapiro: E como vão as coisas no que diz respeito à instrução?

N. Kruschiov: Nos Estados Unidos se constata atualmente com inquietude que nós formamos muitos especialistas, que no desenvolvimento do ensino superior nós obtemos o poder soviético, enormes sucessos. Atualmente não somos nós mas os norte-americanos que fazem a propaganda de nossos sucessos nesse domínio. Efetivamente, os jovens que recebem um ensinamento técnico e geral superior são mais numerosos entre nós do que nos países capitalistas. Há mesmo entre nós superprodução de certos especialistas, por exemplo de juristas. Nós empregamos os nossos esforços especiais na formação de especialistas das ciências exatas: mecânica, matemática, química, física. Penso que no que concerne à formação de especialistas o nosso país ocupa solidamente o primeiro lugar. Essa formação continuará a melhorar e a aperfeiçoar-se.

NÃO É NECESSÁRIO UM NOVO CENTRO DIRIGENTE

H. Shapiro: A presença em Moscou, para as festas do aniversário da Revolução de Outubro, dos dirigentes dos partidos comunistas estrangeiros provocou novamente rumores sobre a possível criação de uma nova organização comunista internacional, qualquer coisa como um novo Komintern ou um novo Kominform. Isso corresponde à realidade?

N. Kruschiov: Nós consideramos que na hora atual não é necessário criar uma tal organização. A Internacional comunista desempenhou um papel histórico positivo. O Komin-



N. S. Kruschiov

form igualmente desempenhou o seu papel. Os partidos comunistas e operários tornaram-se agora muito fortes e não é necessário ter um centro qualquer que dirija o movimento comunista. Quanto às conferências e encontros periódicos de dirigentes do movimento comunista, não negamos essas formas, elas são úteis.

H. Shapiro: Tendes em vista encontros de militantes de todos os partidos comunistas?

N. Kruschiov: Quero falar em primeiro lugar de encontros periódicos de militantes dos partidos comunistas e operários dos países socialistas. Devemos coordenar o desenvolvimento da economia de nossos países, preocupar-nos com a cooperação de certos ramos da economia, que vai continuar a se desenvolver mais e mais depressa e tomar forças. É claro que devemos também coordenar o nosso trabalho político.

H. Shapiro: O que preferis? Encontros de representantes de todos os países socialistas, em conjunto, ou encontros bilaterais?

N. Kruschiov: Consideramos necessários uns e outros encontros de representantes de todos os partidos comunistas e operários de países irmãos e encontros em base bilateral.

Os membros do bloco do Atlântico Norte se reúnem bastante! É um fato que a OTAN é também, numa certa medida, uma organização política que não elabora somente planos militares mas também planos de luta contra o movimento operário, contra o movimento de libertação nacional. Neste domínio os socialistas de direita são auxiliares dos capitalistas. Tomai o «socialista» Spaak. É um autêntico tesouro para os capitalistas. O que podem estes achar de melhor do que fazer glorificar e defender os interesses dos grandes monopólios por um socialista! O que pode haver de mais cómodo para os imperialistas! A bem dizer a OTAN é uma organização de grandes monopólios e o secretário desta organização é um «socialista» que conduz a política dos monopólios.

A burguesia considera que somente ela tem o direito de se agrupar, de criar as suas organizações. E se a classe operária cria as suas organizações, se os Partidos comunistas e operários enviam os seus representantes a uma conferência qualquer, são conspiradores que se reúnem. Não senhores, são os representantes da poderosa classe operária, os representantes do poderoso movimento comunista que se reúnem.

CONTRADIÇÕES INTER-IMPERIALISTAS

H. Shapiro: Falastes das contradições entre os países capitalistas. Tais contradições existem na hora atual?

N. Kruschiov: Evidentemente elas existem e não podem deixar de existir, pois essa é a natureza do capitalismo. Não somente não pode ser negada a existência das contradições entre os países capitalistas, mas é preciso pensar que essas contradições continuam se agravando. Não falei das contradições que existem, por exemplo, entre os Estados Unidos, a Inglaterra e a França em sua luta pela «influência dominante» nas diversas regiões da Ásia e da África. Atualmente a economia da Alemanha ocidental e do Japão, passa por um forte desenvolvimento, o que não pode deixar de inquietar os monopolistas britânicos. É pouco provável que a vinda da Alemanha ocidental para posições avançadas corresponda aos interesses dos monopólios dos Estados Unidos, pois os monopolistas da Alemanha ocidental devem procurar mercados e esses estão atualmente, em maior parte, já ocupados pelos monopólios norte-americanos. Isso significa que os me

(CONTINUA NA 5ª PAG.)

OS ESTADOS UNIDOS NÃO ESTÃO EM CONDIÇÕES DE VENCER UMA NOVA GUERRA

(CONTINUAÇÃO DA 4ª PAG.)

Monopolistas da Alemanha ocidental devem conquistar posições às custas dos monopolistas norte-americanos. E aí não haverá solução amigável. Quanto a nós de contradição poderia eu ainda vos citar! Somente o médo do comunismo, do movimento dos povos pela sua liberdade e por sua independência, atenua, numa certa medida, essas contradições entre os imperialistas e elas não se exprimem, no momento, sob a forma de coalizões armadas.

É POSSÍVEL CONJURAR A GUERRA

H. Shapiro: Considerais que não são más, de imediato, as perspectivas da paz?

N. Kruschlov: Eu diria que sim. Se analisamos a situação à véspera da segunda guerra mundial, vemos que a Alemanha de Hitler tinha preparado tudo para a guerra. A Alemanha, a Itália e o Japão haviam assinado o Pacto anti-komintern, haviam criado o eixo Berlim-Roma-Tóquio. Certamente hoje os eixos desse gênero são igualmente numerosos, mas a Alemanha daquela época não existe mais. Existem dois Estados alemães, com regimes diferentes. A França por sua vez, não é mais a mesma. Este país tem um movimento operário muito poderoso. A Itália não é mais a mesma. Importantes forças ali apareceram, as quais ocupam posições de luta pela paz. Em geral, a situação na Europa, e na Ásia mudou muito. Enquanto outrora não havia senão um Estado socialista, a União Soviética, existe agora um sistema mundial do socialismo.

Ademais, a União Soviética, em relação a 1941, tornou-se totalmente outra. A sua economia, a sua cultura, a sua técnica e a sua ciência atingiram a um nível elevado e é para nós um prazer constatar que os Estados Unidos, que diziam sempre que o nível de desenvolvimento de sua ciência e de sua técnica era inacessível para a União Soviética, querem agora alcançar a União Soviética em dois anos no que concerne ao progresso da ciência. Certas personalidades americanas supõem mesmo que será necessário para isso uma dezena de anos. E que seja, não discutiremos esta questão. Alcançá-los em dois ou em dez anos, não ficaremos vexados por isso.

Vêde agora o que se passa nos países da Ásia e da África, em todos os países em luta pela sua liberdade e sua independência. Tudo ali é efervescência; os povos se libertam da dominação colonialista, eles querem viver livres. O que ganhou a Inglaterra com a sua aventura no Egito? Nada! Agora os imperialistas americanos querem tomar o lugar dos imperialistas britânicos e franceses no Oriente Próximo e Médio mas eles não conseguirão isso. A aventura empreendida por Dulles ao procurar organizar o ataque da Turquia contra a Síria fracassa no plano militar. Evidentemente Dulles não abandonou ainda os seus planos. Hoje ele procura mercenários que efetuem um golpe de Estado na Síria levando ao poder um governo que convenha aos monopolistas dos Estados Unidos.

Tomai a Índia, a Birmânia, a Indonésia. A sua voz na luta pela paz ecoa muito forte.

No fundo, quem poderia fazer a guerra agora, tendo em conta as forças que se formaram nos dois polos, capitalista e socialista? Os alemães do Oeste constituem a força mais real. Mas eles mesmos não querem se bater. Eles ainda não se refizeram da segunda guerra mundial. Não esqueceram a lição que receberam. Nem os velhos nem os jovens querem bater-se, se abstrairmos os meios militaristas que estão a reboque da política americana. Os militaristas alemães compreendem que se atualmente desencadeassem a guerra, algumas horas seriam suficientes para destruir na Alemanha ocidental todas as bases de importância militar.

Tais são as condições reais. É por isso que pensamos que mesmo os mais belicistas, no fim de contas, podem ser reconduzidos ao senso da realidade. Qualquer que seja o seu desejo de travar a batalha é possível meter-lhes a camisa de força.

O XX Congresso do nosso partido assinalou que na hora atual a situação é tal que as forças dos países socialistas e dos países neutros e mesmo as forças progressistas dos Estados Unidos e de outros países ocidentais podem, se conduzimos uma política justa, conjurar a guerra. Somos de opinião que a resposta à agressão ao Egito e o fato de que os norte-americanos não tenham podido começar a guerra contra a Síria, são uma confirmação real da justeza das resoluções do XX Congresso. Isso não significa que a guerra não pode eclodir. Já tenho dito que não se pode responder por loucos. Entretanto, a relação real das forças é tal que antes de desencadear a guerra os militaristas e os monopolistas devem refletir e refletir bem. Nós estamos convencidos que se a guerra começar — e ela não pode ser começada senão pelos países imperialistas pois nenhum Estado socialista está interessado na guerra — o capitalismo será esmagado. E serão os derradeiros sofrimentos impostos à humanidade pelo mundo capitalista porque o capitalismo será enterrado de uma vez por todas.

SERIA BOM QUE NÃO HOUVESSE...

H. Shapiro: Pensais que uma parte do mundo sobreviveria à guerra atômica e termo-nuclear?

N. Kruschlov: Certamente. As perdas seriam muito grandes, a humanidade atravessará muitas provas, mas o homem não desaparecerá da terra, a sociedade viverá e progredirá.

H. Shapiro: Não o sabemos. Ainda não houve uma tal guerra.

N. Kruschlov: Ainda não houve e seria bom que não houvesse.

O PROBLEMA DO DESARMAMENTO

H. Shapiro: Propusestes que todos os países membros da ONU façam parte da comissão, (N. R. — Refere-se à comissão de desarmamento), mas poderá haver entendimento

sobre as questões do desarmamento com os 82 países?

N. Kruschlov: Todos os Estados, grandes e pequenos, têm interesse em assegurar a Paz.

H. Shapiro: Mas um pequeno país não tem armas.

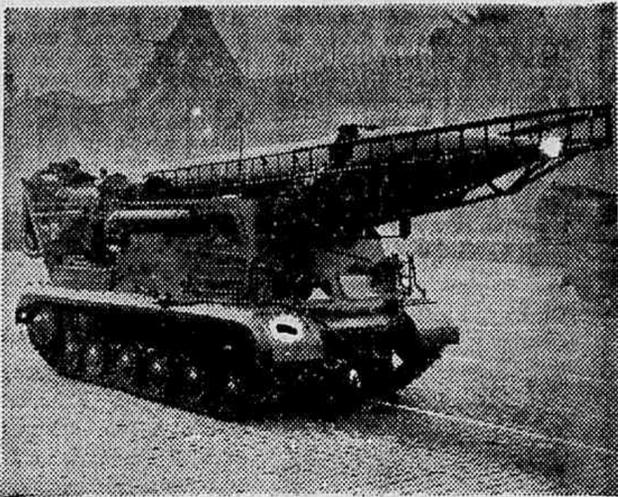
N. Kruschlov: Os povos dos pequenos países têm também voz neste capítulo. Se a guerra começa entre os grandes países eles não serão poupados.

H. Shapiro: Eles não têm forças reais para essas questões.

N. Kruschlov: Eles podem exercer uma pressão moral.

H. Shapiro: Mas poderá ser realizado, de fato, o desarmamento com a ajuda dos pequenos países sem o acordo fundamental entre a União Soviética, os Estados Unidos, a Inglaterra e as outras grandes potências?

N. Kruschlov: Evidentemente não é possível e nós o sabemos. Mas a nossa proposta de criar uma comissão composta de todos os Estados membros da ONU não exclui as outras formas e métodos de negociações: bi-partites, tri-partites, etc. Porque nos retiramos do sub-comitê? A União Soviética estava ali só, os outros quatro Estados eram mem-



Foguete balístico atravessando a Praça Vermelha

bro da OTAN. Participamos do sub-comitê durante três anos e nós tudo tentamos. A União Soviética aceitou inúmeras proposições dos Estados Unidos, da Inglaterra e da França. Mas logo que a União Soviética o declarava, os americanos, ingleses e franceses renunciavam imediatamente às sugestões. De nosso lado, tudo foi feito para chegar a um acordo. Mas o fato é que muito simplesmente os Estados Unidos não querem desarmamento. E se eles não o querem porque então induzimos nós em erro a opinião pública aparentando manter conversações úteis? Compreendemos que as potências ocidentais querem camuflar a corrida aos armamentos com reuniões sob as cortinas e ganhar tempo para continuar a desenvolver os seus armamentos e manter o mundo inteiro em estado de guerra fria. Pensamos que mais vale a União Soviética não participar dos trabalhos do sub-comitê. Ao menos, então, a opinião pública sabe o que valem os trabalhos deste organismo e exercerá uma pressão maior sobre os governos dos países capitalistas. Os governos serão forçados a contar com a vontade dos povos, a buscar acordos. Quanto à União Soviética, ela está sempre pronta a aceitar acordos razoáveis sobre as questões do desarmamento.

OS EE.UU. NÃO FICARÃO IMUNES ÀS CONSEQUÊNCIAS DE UMA NOVA GUERRA

H. Shapiro: O que pensais da possibilidade de negociações bi-partites com os Estados Unidos?

N. Kruschlov: Nós já fizemos declarações relativas a esta questão. Mas o nosso ponto de vista foi desnatado pois certas personalidades dos EE.UU., temem que a melhoria das relações entre os nossos países conduza à distensão internacional. Não pensamos que um acordo entre a URSS e os Estados Unidos prejudicasse os outros países. Não é às expensas das relações de nosso país com os outros que queremos melhorar as nossas relações com os Estados Unidos.

O desarmamento não é viável senão a partir do momento em que não somente dois Estados, mesmo se eles são os mais fortes como a URSS e os Estados Unidos, mas todos os Estados aproveem a idéia do desarmamento. Se os nossos países começassem o desarmamento que a toda a humanidade literalmente espera, isso seria um passo decisivo. Mas os meios dirigentes dos Estados Unidos, que exprimem os interesses dos monopolistas, não querem fazê-lo no momento, porque os monopolistas estão interessados na corrida aos armamentos. Entretanto o povo americano não quer a guerra. Ele a teme. E me parece que não é sem razão porque na hora atual a guerra é uma coisa terrível. Desde que existem, se excluirmos a guerra civil e uma guerra de pouca amplitude com o México, os Estados Unidos não sabem ainda o que é a guerra. Se ela não for conjurada, os americanos conhecerão a guerra mais terrível que a humanidade jamais conheceu. E ela se alastrará não somente pela Europa e Ásia mas também pelo território americano, e com a mesma violência.

Certas personalidades americanas ameaçam a União Soviética declarando que eles cercaram o nosso país com bases militares. Isso é verdade, eles a cercaram. Mas não se deve esquecer que a técnica militar contemporânea permite, partindo de submarinos e com a ajuda de foguetes balísticos, bombardear todos os centros vitais dos Estados Unidos, bloquear os portos deste país. Assim com o desenvolvimento atual da técnica militar, os Estados Unidos são tão vulneráveis quanto todos os países.

Não se deve esquecer tampouco que nos países da Europa e da Ásia ver-se-á crescer o movimento dos povos contra a OTAN, contra as bases militares existentes em seu território. Os Estados Unidos procuram conservar as bases militares em território estrangeiro considerando-as postos avançados situados longe dos Estados Unidos. Mas essas bases militares não estão nos desertos. Elas se encontram em regiões muito povoadas. O que são essas bases? Elas são o território da Inglaterra, da França, da Alemanha, do Oeste da Noruega, da Dinamarca, da Itália, da Espanha, da Turquia e de outros determinados países. Essas bases estão perto de nós para golpear a União Soviética e os outros países socialistas. Mas elas estão também perto de nós para a resposta. É de crer-se que os alemães do Oeste, os franceses, os italianos, os ingleses, os turcos, os espanhóis, os dinamarqueses e os outros acabarão por compreender que se os imperialistas americanos se servem de seu território para atacar a URSS e os outros países pacíficos, a URSS será obrigada a responder. Os povos compreenderão e sem nenhuma dúvida eles farão ouvir a sua voz.

A ESTRATEGIA DOS FOGUETES

H. Shapiro: Dados os progressos dos foguetes, as bases militares perdem a sua importância?

N. Kruschlov: Sem nenhuma dúvida. Houve tempo em que havia, contra os bombardeiros, a D. C. A., a artilharia ou os foguetes contra aviões. Mas hoje ninguém pode interceptar os foguetes balísticos.

Direis: mas a União Soviética não sofrerá também? Certamente teremos igualmente grandes perdas. Mas olhai nossas extensões e olhai a Alemanha a França e a Inglaterra. Ninguém precisa ser um estrategista, um militar para ver uma diferença considerável.

H. Shapiro: A América do Norte tem também vastos espaços.

N. Kruschlov: Eles não são tão vastos. Uma outra coisa que não se deve esquecer é que nos Estados Unidos as cidades tem uma concentração industrial muito grande: Nova Iorque, Chicago, São Francisco e outras. Em nosso país a indústria está mais dispersa. Além disso, a reorganização da direção da indústria que realizamos assegura uma direção mais autónoma da indústria. Isso também melhora a nossa situação estratégica.

H. Shapiro: Mas isso não constituiu o objetivo da reorganização.

N. Kruschlov: Não, este objetivo não foi o principal. Ele era acessório mas ainda assim muito importante.

H. Shapiro: Pensais que os Estados Unidos não têm foguete balístico intercontinental?

N. Kruschlov: Estou absolutamente convencido disso. Se os Estados Unidos tivessem este foguete eles lançariam um satélite artificial da terra assim como o fizemos. Foi graças (CONCLUI NA 10ª PAG.)

UM ATLETA SOVIÉTICO NO BRASIL



Fato esportivo de destaque, foi a visita que fez ao nosso país o celebrado fundista soviético Wladimir Kutz, recordista mundial dos cinco mil e dez mil metros. Com a sua simpatia pessoal e sua correção de verdadeiro esportista, Kutz se fez amigo do público brasileiro, embora os seus resultados esportivos, na tradicional São Silvestre e numa competição posterior, não confirmassem a fama de que vinha precedido. Segundo comentou a crônica especializada, Kutz superestimou suas possibilidades e descuidou do seu preparo. De qualquer modo, ficou o seu exemplo de atleta, que compete com lealdade e empenho, mesmo quando já não pode ganhar. Ficou sobretudo a sua contribuição para um estreitamento ainda maior das relações amistosas entre os esportistas brasileiros e soviéticos. No clichê, Wladimir Kutz num estúdio de televisão paulista, quando apertava a mão do jornalista Maurício Loureiro da Gama.

REATAMENTO DE RELAÇÕES COM A UNIÃO SOVIÉTICA FONTE DE DIVERGÊNCIAS NO SEIO DO GOVERNO

O restabelecimento das relações comerciais e diplomáticas entre o Brasil e a União Soviética, constitui a questão essencial, no momento, da política exterior do governo e o centro dos debates políticos.

Variadas têm sido as opiniões das mais diversas correntes políticas e de personalidades de projeção na vida do país, a maioria esmagadora delas, porém, simpática ao reatamento de relações normais entre o Brasil e aquela nação.

Salta, no entanto, logo à vista de qualquer pessoa atenta ao desenrolar dos acontecimentos, a falta de homogeneidade no seio do governo, onde opiniões divergentes se chocam numa evidente demonstração de que interesses contraditórios estão em jogo. De um lado, boa parte do governo, representante dos interesses do desenvolvimento independente da economia nacional e interessada em apressar o processo de industrialização em curso no país, e do outro uma minoria renitente de entreguistas, ocupando postos-chave e abertamente defensora de interesses de grupos econômicos estrangeiros, que procuram criar toda sorte de obstáculos à concretização daquela meta.

1. — EXIGÊNCIA NACIONAL A AMPLIAÇÃO DO COMÉRCIO EXTERIOR

A ampliação de nosso comércio exterior, particularmente com o estabelecimento de relações normais entre o Brasil e a União Soviética,

constitui, sem dúvida, o ponto central para onde convergem todas as atenções na atual conjuntura econômica e política. No estágio atual de nosso desenvolvimento, o reatamento dessas relações se apresenta como uma necessidade de ordem nacional, como o melhor caminho a seguir para darmos maior escoamento aos nossos tradicionais produtos de exportação, inclusive os chamados gravosos, em

«NÃO PODEMOS RECUSAR NOVOS MERCADOS», DECLARA O MINISTRO DA FAZENDA — O ITAMARATI, MAIOR FOCO DE RESISTÊNCIA AS RELAÇÕES COM OS PAÍSES SOCIALISTAS — REUNIÃO DO CONSELHO DE SEGURANÇA NACIONAL — NO PRÓXIMO DIA 25, O GOVERNO DEFINIRÁ OFICIALMENTE SUA POSIÇÃO

Reportagem de FRAGMON CARLOS BORGES

condições de competição com os mercados compradores aos quais há muito estamos presos. Ao mesmo tempo, tal medida nos possibilitará a importação de equipamentos industriais e maquinaria necessários para impulsionar o processo de industrialização do país, em franco desenvolvimento.

A normalização das relações com todos os países socialistas, e em primeiro lugar com a União Soviética, não é, certamente, uma panacéia salvadora, mas é uma medida útil e necessária à economia nacional.

Nesse sentido, numerosos e importantes têm sido os pronunciamentos de organizações como Assembléias Legislativas, Câmara de Vereadores, Federações e Centros das Indústrias e Associações Comer-

cialistas, declarou:

«Com muitos desses países o Brasil já mantém comércio como é o caso da Polónia, Tchecoslováquia e Jugoslávia... Além disso, já registramos operações de banco a banco, com a Alemanha Oriental e a China Continental. No momento, o Brasil tem necessidade de aumentar suas exportações de café, cacau, minérios, carne e, logo que a situação econômica se estabilize, com formação de grandes estoques — o que talvez já possa ocorrer a partir do próximo ano — também o milho, o feijão, o arroz e vários produtos da lavoura. Precisamos exportar, temos o que exportar — logo, não podemos recusar novos mercados».

E O PRESIDENTE?

Quando a «Imprensa Popular» divulgou a importante entrevista que Nikita Khrushchov, 1º secretário do PCUS, concedeu a jornalistas brasileiros em Moscou, a respeito das relações entre o Brasil e a URSS, o sr. Juscelino Kubitschek declarou à imprensa que o Brasil estava disposto a negociar com todos os países. A 31 de dezembro, em entrevista à «Última Hora», o presidente da República vol-

to a falar sobre o assunto, embora em linguagem dúbida, nada afirmando e nada negando, procurando fugir ao assunto como o diabo da cruz. De qualquer forma, afirmando que já mantemos excelentes relações com alguns países socialistas, o sr. Kubitschek não fechou de todo as portas para a «solução desse aspecto de nossa política exterior» — o estabelecimento de relações normais com a União Soviética.

Reconhecendo a necessidade que tem o Brasil de ampliar o seu comércio exterior, conquistando novos mercados, o presidente da República manifestou ao mesmo tempo, seus infundados receios de que venhamos a alienar, com o comércio com a URSS e outros países socialistas, os nossos mercados tradicionais.

Emfim, o sr. Kubitschek não é contra nem a favor, não afirma nem desmente, não chove nem molha. Toda a linguagem dúbida usada pelo presidente da República reflete, porém, as profundas contradições existentes no seio do seu governo a respeito dessa questão, e a tremenda pressão que os grupos econômicos dos Estados Unidos vêm exercen-

do sobre o seu governo, visando a impedir o reatamento das relações.

2. — ITAMARATI, FOCO DE RESISTÊNCIA

Se externamente é nos Estados Unidos onde se localiza a maior resistência que o Governo brasileiro encontra em seu caminho para a ampliação de nosso comércio exterior, com a incorporação dos mercados da URSS e da China Popular, internamente o Itamarati constitui o maior foco de oposição a tal medida.

Tendo à frente o ex-ministro do Estado Novo, sr. Macedo Soares, a Casa de Rio Branco transformou-se numa simples agência dos interesses da política exterior do Departamento de Estado. Esta tem sido a característica básica de nossa política exterior com relação às questões essenciais da política internacional.

O ministro Macedo Soares tem se manifestado, por mais de uma vez, contrário ao estabelecimento de nossas relações comerciais e diplomáticas com a União Soviética, e outros países socialistas, estribado nos mais fúteis argumentos. E é justamente este homem que deverá apresentar, dentro de mais alguns dias, um relatório sobre a conveniência ou não daquele reatamento, em reunião do Conselho de Segurança Nacional. Tal relatório, cujas conclusões finais já se pode prever, será uma síntese de dois outros, já elaborados, um do Departamento Político, e outro do Departamento Econômico do Itamarati.

DEPARTAMENTO ECONÔMICO NÃO OPINA

Em modo geral, segundo estão informados, o relatório do Departamento do Itamarati

CONTRÁRIO, O DEPARTAMENTO POLÍTICO

O relatório desse departamento, que é chefiado pela embaixatriz Odete Carvalho Souza, antiga integralista e comensal da embaixada americana e, por isto mesmo, entreguista de quatro costados, conclui contra o reatamento das relações diplomáticas e comerciais com a União Soviética, invocando as costumes e conhecidas provocações de que tais relações poriam em risco a segurança nacional. Segundo pensa o Odete Carvalho, a instalação de representações diplomáticas e comerciais da URSS, no Brasil, contraria os interesses nacionais, porque tais representações seriam perigosos focos de espionagem, sem que o mesmo, por falta de meios, pudéssemos fazer com as nossas representações em Moscou. Além disso, afirma o relatório, a polícia do Brasil é despreparada e não está em condições de resguardar os

interesses contra aqueles inimigos...

tempo em que expõe argumentos tão primários, Odete Carvalho reconhece incrivelmente grosseiros, que a União Soviética tem intenções políticas em estabelecer e manter boas e normais relações conosco. Aí, ela se contraz por conta própria. Se a URSS tem tais interesses está claro que nada fará, que possa pôr em risco aquelas relações.

O relatório do Departamento Político aborda, também, o problema das relações comerciais, concluindo pela necessidade de nosso comércio com a URSS. Tal comércio, entretanto, deve ser feito sob rigoroso controle, e sem o estabelecimento de escritórios comerciais ou a vinda de técnicos estrangeiros ao Brasil. Isto quer dizer a comensal da embaixada americana, tais técnicos são «espões», e os escritórios comerciais, focos de espionagem... Desta forma, o departamento é contra o estabelecimento de relações comerciais normais entre os dois países.

O Departamento Econômico do Itamarati admite intercâmbio comercial com a URSS em bases muito limitadas e através de intermediários. Nada de contactos comerciais diretos, de país para país.

No fundo, portanto, manter as coisas como estão, sem dar o mínimo passo à frente. E' o que vem fazendo o ministro Barbosa da Silva há muito tempo, anunciando sobre o assunto estudos que se eternizam, sem qualquer conclusão.

DEPARTAMENTO ECONÔMICO NÃO OPINA

Em modo geral, segundo estão informados, o relatório do Departamento do Itamarati

de modo geral, segundo estão informados, o relatório do Departamento do Itamarati

CONTRÁRIO, O DEPARTAMENTO POLÍTICO

O relatório desse departamento, que é chefiado pela embaixatriz Odete Carvalho Souza, antiga integralista e comensal da embaixada americana e, por isto mesmo, entreguista de quatro costados, conclui contra o reatamento das relações diplomáticas e comerciais com a União Soviética, invocando as costumes e conhecidas provocações de que tais relações poriam em risco a segurança nacional. Segundo pensa o Odete Carvalho, a instalação de representações diplomáticas e comerciais da URSS, no Brasil, contraria os interesses nacionais, porque tais representações seriam perigosos focos de espionagem, sem que o mesmo, por falta de meios, pudéssemos fazer com as nossas representações em Moscou. Além disso, afirma o relatório, a polícia do Brasil é despreparada e não está em condições de resguardar os

3. — DECIDIRÁ O CONSELHO DE SEGURANÇA NACIONAL

O problema da ampliação de nosso comércio exterior, com a incorporação dos mercados da URSS e outros países socialistas, está sendo encarado, de má fé ou por encomenda, por certos círculos como uma questão estreita-

mente ligada à segurança nacional. Que tem a ver uma coisa com outra? E para dificultar ainda mais uma solução clara jogou todo o peso de sua influência, pressionando o presidente da República e outras altas autoridades do governo, visando a uma solução negativa. Que tem a ver a Igreja com assuntos desta natureza? Constitucionalmente, não é o Estado separado da Igreja?

Colocada a questão em termos tão inadequados — ameaça à segurança nacional e à religião — era inevitável que a figura do General Teixeira Lott aparecesse, como ministro da Guerra e católico que o é.

Estamos informados que o Itamarati já encaminhou um relatório sobre o assunto ao ministro da Guerra, onde se conclui pela inconveniência do reatamento das relações comerciais e diplomáticas entre o Brasil e a URSS. Motivo: defesa da segurança nacional. Da mesma forma, também soubeamos que o cardeal

de Jaime Câmara manteve entrevista reservada com aquela autoridade, no mesmo sentido. Motivo: defesa da Igreja. Na verdade, não se trata nem da defesa nacional, nem do resguardo do tradicional espírito religioso de nosso povo, pois nada disto está ameaçado. Trata-se, é preciso que se diga, da defesa de interesses dos grupos monopolistas norte-americanos.

Acreditamos que todos aqueles que se inspiram no nacionalismo não podem deixar de estimar a importância para a nossa emancipação econômica de medida como a normalização das relações com todos os países socialistas.

ONDE LOTT APARECE

Colocada a questão em termos tão inadequados — ameaça à segurança nacional e à religião — era inevitável que a figura do General Teixeira Lott aparecesse, como ministro da Guerra e católico que o é.

ONDE LOTT APARECE

Colocada a questão em termos tão inadequados — ameaça à segurança nacional e à religião — era inevitável que a figura do General Teixeira Lott aparecesse, como ministro da Guerra e católico que o é.

ONDE LOTT APARECE

Colocada a questão em termos tão inadequados — ameaça à segurança nacional e à religião — era inevitável que a figura do General Teixeira Lott aparecesse, como ministro da Guerra e católico que o é.

Comunistas de Muitos Países Saúdam Luiz Carlos Prestes



zade entre os povos brasileiro e soviético — uma calorosa saudação fraternal e cordiais congratulações. Desejamos-vos novos êxitos em vossa nobre atividade em nome da paz e do futuro luminoso do povo brasileiro.

O Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética, DO P. C. DA TCHECOSLOVÁQUIA

«Querido Camarada: Por ocasião da passagem do seu 60º aniversário, enviamos-lhe cordiais saudações fraternais. Consideramos de alto valor a luta que empreende em defesa da paz e da independência do Brasil, da democracia e do socialismo. Fazemos votos que prossiga com boa saúde e tenha muitos anos de êxitos em seu trabalho. O Comitê Central do Partido Comunista da Tchecoslováquia.»

DO PARTIDO OPERÁRIO DA RUMÂNIA

«Por ocasião do vosso 60º aniversário o Comitê Central do Partido Operário Rumeno vos felicita e vos deseja caro camarada Prestes, longos anos de trabalho frutuoso a serviço dos interesses vitais dos trabalhadores, do progresso social de vosso país e da salvaguarda da paz. O Comitê Central do Partido Operário Rumeno.»

DO P. C. FRANCÊS

«Querido camarada Luiz Carlos Prestes: O Comitê Central do Partido Comunista Francês vos felicita calorosamente por ocasião do vosso 60º aniversário. Consagrastes a existência a vosso povo e ganhastes o título de Cavaleiro da Esperança na luta democrática e antiperfideia, pela independência nacional. Desejamos-vos longos anos de vida, a serviço do glorioso Partido Comunista do Brasil, fiel à causa do marxismo-leninismo e do internacionalismo proletário, a serviço da classe operária e do povo brasileiro, da paz e do socialismo. O Comitê Central do Partido Comunista Francês»

DO P. C. DO URUGUAY

«O Comitê Nacional do Partido Comunista do Uruguay te envia cálidas felicitações por motivo do teu 60º aniversário, fazendo-te augúrios de novos grandes êxitos à frente do glorioso Partido Comunista do Brasil na luta pela paz, a democracia, a libertação nacional antiperfideia, inspirada pela fidelidade ao marxismo-leninismo e ao internacionalismo proletário. O Comitê Nacional do Partido Comunista do Uruguay.»

DO PARTIDO SOCIALISTA UNIFICADO DA ALEMANHA

«Querido camarada Luiz Carlos Prestes! Em nome do Comitê Central do Partido Socialista Unificado da Alemanha, transmitimos cordiais saudações por motivo do vosso 60º aniversário. A isto associamos igualmente os votos de que permaneçais ainda muitos anos à frente da luta do povo brasileiro pela paz, a democracia e o socialismo gozando da melhor saúde possível. O Comitê Central do Partido Socialista Unificado da Alemanha.»

W. Ullbricht, 1º Secretário.

FEZ 40 ANOS O COMBATIVO PARTIDO COMUNISTA DA ARGENTINA

TRANSCORREU no dia 6 último o 40º aniversário do Partido Comunista da Argentina. Por motivo da data, que é cara aos comunistas brasileiros e de todo o continente, o C.C. do P. C. B. enviou a seguinte mensagem:

«Ao Comitê Central do Partido Comunista da Argentina Queridos camaradas:

O Comitê Central do Partido Comunista da Argentina envia sua fraternal saudação ao combativo Partido Comunista da Argentina por motivo do transcurso do seu 40º aniversário.

Na sua longa trajetória o Partido Comunista da Argentina tem sido um lutador consequente pela libertação nacional, a democracia, a paz, e os interesses vitais das massas trabalhadoras. Em sua luta abnegada contra o imperialismo norte-americano, os comunistas argentinos, à frente do seu povo, têm dado brilhante exemplo de patriotismo e firmeza revolucionária.

Ao cumprir 40 anos de sua gloriosa existência, o Partido Comunista da Argentina mantém bem alto a bandeira dos princípios do marxismo-leninismo e da fidelidade ao internacionalismo proletário.

O Comitê Central do Partido Comunista do Brasil augura aos camaradas argentinos novos êxitos em sua nobre atividade pela causa da classe operária e do povo do país irmão.

Rio de Janeiro, 4 de janeiro de 1958. (ass.) O Comitê Central do Partido Comunista do Brasil.»

O camarada Luiz Carlos Prestes enviou a Arnaldo Alvarez, secretário geral do P. C. A., o seguinte telegrama:

«Envio fraternais saudações, aderindo aos festejos do 40º aniversário do Partido Comunista da Argentina.»



Ministro Alkimim: a favor de amplo intercâmbio econômico.

OPINA OSWALDO ARANHA

O ministro Oswaldo Aranha, conhecido homem público, atualmente investido nas elevadas funções de chefe de nossa representação na Organização das Nações Unidas, em declarações à imprensa norte-americana, posteriormente confirmadas por ocasião de sua passagem por Paris, manifestou-se favorável ao reatamento das relações comerciais e diplomáticas entre o Brasil e a União Soviética e outros países socialistas. Com a sua autoridade de representante oficial de nosso país naquele organismo internacional, o embaixador Oswaldo Aranha afirmou que, «se a opinião pública brasileira demonstrar apoio ao reatamento, o governo o levará em conta», em que pese a existência, entre seus auxiliares imediatos, de elementos contrários a essa medida.

TAMBÉM O MINISTRO DA FAZENDA

Também o sr. José Maria Alkimim, ministro da Fazenda, e pessoa naturalmente ligada aos mais categorizados representantes da indústria, comércio e agricultura brasileiros, já se manifestou por mais de uma vez, pela ampliação de nossos mercados no exterior. Ainda recentemente, em entrevista a «Última Hora», o sr. Alkimim falando sobre o



O presidente Juscelino oscila entre partidários e adversários da normalização das relações com a URSS. Avançou um pouco com os primeiros, mas, recentemente, ao que parece, cedeu e retrocedeu diante dos últimos.

UMA DECLARAÇÃO DO P.C. DOS ESTADOS UNIDOS

O semanário «The Worker» de Nova York, publicou, em sua edição de 29 de dezembro do ano passado, a notícia que abaixo transcrevemos na íntegra:

«O Comitê Administrativo Nacional do Partido Comunista dos Estados Unidos lançou, na quinta-feira, a seguinte explicação e respeito de tendenciosas considerações aparecidas na imprensa comercial a respeito da recente reunião do Comitê Executivo Nacional e de suas recomendações sobre o «Daily Worker» (a explicação foi aprovada com o voto contrário de John Gates):

«A reunião mensal regular do Comitê Executivo Nacional do PC dos EE.UU. foi realizada a 20, 21 e 22 de dezembro. A 31 de dezembro será dada uma nota para a imprensa a respeito.

Entretanto, o Comitê Administrativo Nacional considera necessário esclarecer alguns rumores falsos que apareceram na imprensa comercial relativos à reunião e ao «Daily Worker».

O fato é que um comitê de imprensa reuniu com o CEN e informou sobre o permanente e pesado déficit e as desesperadas dificuldades financeiras em que o jornal se encontra. O informe tornou-se evidente para o CEN que o Partido Comunista, que sempre prestou a maior ajuda ao «Daily Worker» não

poderia continuar assumindo a responsabilidade de uma ajuda financeira suficiente e oportuna para manter o jornal diário. Isto se dá em virtude dos crescentes custos de produção, que já afetaram adversamente o «People's World» e outros jornais operários, bem como em virtude da não satisfatória situação dentro do Partido.

O Comitê se convenceu também que os contínuos gastos exigidos pelo «Daily Worker» acabariam, em breve tempo, por impossibilitar a salvação do semanário «The Worker», a menos que medidas drásticas fossem tomadas.

Eis porque o CEN — com

Gates votando contra e Charney se abstendo — resolveu recomendar aos proprietários e a direção do «The Worker» — na falta de qualquer derradeira e apreciável contribuição financeira para salvar o primeiro — para suspender o «Daily Worker» e reorganizar-se a fim de poder salvar «The Worker».

O CEN confia que «The Worker» pode ser preservado e consolidado e empenha seu pleno apoio a este fim. Reconheceu que não foram em vão os sacrifícios dos membros do partido e dos amigos do «Daily Worker» para salvar o jornal e que,

no mínimo, um semanário marxista será mantido.

Foi também resolvido que a recomendação acima se tornaria definitiva e feita pública após a consulta a todos os 60 membros do Comitê Nacional. Esta consulta está agora sendo realizada.

Em vista destes fatos, o Comitê Administrativo Nacional declara que a entrevista de John Gates sobre o assunto era completamente desautorizada e que tais declarações públicas por parte de qualquer pessoa constituem uma violação dos mais elementares princípios orgânicos comuns a todas as organizações da classe operária».

PERGUNTAS e RESPOSTAS

PORQUE A URSS SE RETIROU DO SUBCOMITÊ DE DESARMAMENTO DA ONU

Porque a União Soviética se retirou do Sub-Comitê da ONU para as questões do desarmamento.

Antes de responder à pergunta, chamamos a atenção dos leitores para a entrevista do camarada Kruschiov, que pu-

blicamos em outro local. Kruschiov aborda precisamente a mesma questão, numa passagem da referida entrevista.

O sub-comitê da ONU era constituído de representantes da URSS, Estados Unidos, Inglaterra, França e Canadá. Como se vê, afóra a URSS, são todas as demais potências do Tratado do Atlântico. O sub-comitê se reuniu diversas vezes. Ainda no ano passado, esteve reunido em Londres durante muitos meses. Absolutamente nada saiu de prático dessas reuniões. O representante soviético se esforçou por apresentar as propostas mais aceitáveis, pelas potências ocidentais, inclusive aceitando algumas propostas destas últimas. Toda vez, porém, que isto acontecia, as potências ocidentais estranhamente recuavam de suas próprias propostas anteriores. As potências ocidentais, com os Estados Unidos à frente, não demonstraram qualquer intenção efetiva de chegar a um acordo visando a medidas ao menos iniciais para o desarmamento. Não se chegou sequer a um acordo para suspender pelo prazo de dois anos, as explosões termonucleares experimentais.

Ao tempo em que isto se passava, era a opinião pública mundial enganada, criando-se a impressão de que aquele organismo da ONU ainda poderia produzir algo de útil em favor do desarmamento. Isto, entretanto, não ocorria, enquanto a corrida armamentista dos países da OTAN se torna cada vez mais frenética.

Em vista disto, resolveu o governo da URSS retirar a sua delegação daquele sub-comitê, com isto chamando a atenção da opinião pública mundial para a sua inutilidade. Como diz Kruschiov em sua entrevista, ao invés de nutrir ilusões numa organização que nada realiza, os povos empregarão melhor os seus esforços pressionando di-

reamente os seus governos para que cheguem a acordos de desarmamento.

A URSS propôs que os problemas do desarmamento sejam discutidos numa assembleia, de que participem todos os países membros da ONU. A realização dessa assembleia evitaria que as grandes potências da OTAN continuassem manobrando indefinidamente nos organismos restritos. Além disto, o desarmamento interessa igualmente a todas as nações, grandes e pequenas, e não só ao círculo das potências de maior poderio econômico-militar.

A URSS se manifesta também pelos entendimentos bilaterais diretos ou pelos encontros entre representantes das principais potências, desde que isto se faça no mais elevado escalão, isto é, entre os chefes de Estado. Isto porque, como a experiência já demonstrou, nada de prático se obteve com os encontros em outro nível. Daí a recusa da URSS à proposta da última reunião do Conselho da OTAN para uma conferência de ministros das Relações Exteriores.

A corrida armamentista continua sendo o fator mais negativo da situação internacional. Fazer cessar, ao menos por um prazo limitado, inicialmente, as explosões termonucleares experimentais, obter uma gradual redução dos armamentos — estes são objetivos imediatos em que se unificam as aspirações de todos os povos. É possível tornar estas aspirações viáveis e salvar a causa da paz. Apesar de toda a sua arrogância, a correlação de forças não é favorável aos círculos belicistas dos Estados Unidos. A vontade dos povos pode impôr-se aos loucos planos de guerra dos Foster Dulles e Richard Nixon.

Teoria e Prática

OS REFORMISTAS E O CAMINHO PACÍFICO PARA O SOCIALISMO

A. I. Mikoian

Assim, a marcha da história demonstrou de maneira mais irrefutável a justeza dos mestres do comunismo ao preverem, além do caminho da insurreição armada, também o caminho pacífico para o desenvolvimento da revolução.

Os Partidos Comunistas irmãos dos países capitalistas possuem inesgotável tesouro de conhecimento: a teoria do marxismo-leninismo, sua rica escola de experiência prática e as lições das históricas vitórias conquistadas pelo nosso país, pela China e pelos demais países de democracia popular.

Poderá haver falsos teóricos, dogmáticos, ou pessoas superficiais que perguntarão: nessa maneira de abordar o problema, qual é a diferença entre o marxismo e o reformismo? Não se estará aí tomando o caminho escolhido pelos revisionistas do marxismo? Os reformistas e revisionistas sempre procuraram, antes como agora, limitar a luta da classe operária a pequenas reformas, a concessões do capital em proveito do trabalho, só para facilitar um pouco as condições de vida dos operários sob o capitalismo, mantendo inabalável o domínio do regime capitalista. No fundo, foram e continuam a ser apologistas do capitalismo; não são revolucionários e sim evolucionistas, que fogem — a revolução tomada do poder, pelos trabalhadores julgando que, por meio de «conquistas» miúdas e insignificantes, poder-se-á não se sabe quando, ao cabo de muitos anos, chegar ao socialismo. Talvez alguns deles não pensem assim, mas é assim que enganam o povo.

São conhecidas as ocasiões em que alguns partidos socialistas conquistaram a maioria no parlamento. Até mesmo governos socialistas existiram em vários países e continuam a existir. No entanto, também aqui, a questão se limita a concessões isoladas em proveito dos operários e nenhum socialismo é construído. É necessário que a direção exercida pelo Estado sobre a sociedade passe para as mãos da classe operária, que a classe operária esteja não só organizada, mas também preparada política e teoricamente para a luta pelo socialismo, a fim de que não se satisfaça com migalhas que sobrem da mesa dos socialistas e sim que, conquistando a maioria tome o poder e acabe com a propriedade privada sobre os meios de produção fundamentais.

O materialismo histórico ensina que a substituição do capitalismo pelo socialismo, a substituição da sociedade de classes pela sociedade sem classes é um salto revolucionário. Essa passagem é, em essência, a substituição revolucionária de um regime social por outro regime social. Por isso, toda passagem do capitalismo ao socialismo é uma reviravolta nas relações sociais, uma revolução mais aguda ou menos aguda, mas uma revolução pela qual devem passar todos os povos. A tomada do poder pelo povo, a passagem da propriedade dos meios de produção da forma privada para a social, é uma grandiosa revolução na história.

Por isso, não se pode confundir o problema da possibilidade do desenvolvimento pacífico da revolução em certos países com o reformismo. É preciso ter em mente que a revolução — pacífica ou não — sempre será uma revolução, enquanto que o reformismo é sempre marcar passo inútilmente no mesmo lugar. Por isso, para vencer, a classe operária deve lutar incansavelmente contra o reformismo e contra as ilusões por este originadas em suas próprias fileiras.

(Da intervenção ao XX Congresso do PCUS)

Falecimento

Petru Groza

Faleceu no dia 6 último, aos 74 anos de idade, o doutor Petru Groza, presidente do presidium da Grande Assembléia Nacional da România.

Foi Petru Groza um dos mais eminentes homens públicos daquela república democrático-popular. Homem progressista, foi várias vezes ministro, no primeiro pós-guerra, ainda na România feudal-burguesa, lutando sempre pelos interesses de seu povo. Ligado às massas camponesas, fundou em 1933 a Frente dos Lavradores e se aproximou do Partido Comunista Rumeno. Lutou contra a dominação nazi-fascista e o odiado regime de Antonescu, sendo, poristo, encarcerado de 1943 a 1944. Libertada a România pelo



Exército Soviético, Petru Groza surgiu na arena política como um firme aliado dos comunistas, vindo a ser um dos mais destacados construtores da nova România. Gozando da confiança das massas trabalhadoras, exerceu durante muitos anos o mais alto cargo do Estado, no qual se encontrava ao falecer.

EMÍLIO CARRERA GUERRA

A moderna cultura brasileira sofreu lamentável perda, ao iniciar-se o ano de 1958, com a morte súbita e prematura de Emílio Carrera Guerra.

Poeta e crítico literário bastante conhecido, já havia Carrera Guerra realizado valiosa obra artística e se encontrava em pleno ascenso das forças criadoras, quando o seu coração cessou de bater.

Membro do Partido Comunista do Brasil, Carrera Guerra cantou em seus versos a vida e a luta dos trabalhadores e procurou interpretar os fenômenos da cultura brasileira de um ponto de vista avançado. Disto é exemplo o seu último escrito publicado, o notável prefácio às «Obras Completas» de Fagundes Varela.

A morte de Carrera Guerra desfalca a literatura de nosso país de uma de suas forças mais promissoras e deixa pesarosos todos aqueles que valorizam o pensamento criador.

SENSACIONAL! minerais atômicos firmam os entre o Brasil e os Estados Unidos

OLYMPIO GUILHERME

O Brasil e a Era Atômica

EM TODAS AS LIVRARIAS

GREVE COMO ULTIMO RECURSO:

Os Trabalhadores Confiam na Justiça do Trabalho

Mobilizam-se os trabalhadores paulistas e intensificam seus preparativos, diante da possibilidade de terem de recorrer novamente à greve, em defesa do cumprimento da decisão do Tribunal Regional do Trabalho, que lhes concedeu 25% de aumento salarial, por ocasião da memorável greve de outubro do ano passado.

A reportagem da VOZ OPERÁRIA procurou ouvir a comissão de dirigentes sindicais que ora se encontra no Rio de Janeiro, aguardando o julgamento do recurso interposto pelos patrões, contra aquela decisão. Essa comissão é constituída por alguns dos mais representativos líderes das grandes corporações profissionais do Estado bandeirante: presidente do Sindicato dos Têxteis, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos, presidente do Sindicato do Papel e Papelão, secretário da Aliança Inter-Sindical, presidente da Federação Nacional dos Gráficos, presidente do Sindicato dos Mestres e Contra-mestres.

OS PATRÕES PODEM PAGAR

Dante Pellacani recém-eleito presidente da Federação Nacional dos Gráficos e prestigiado dirigente dos gráficos paulistas e da Aliança Inter-sindical, conta-nos inicialmente os antecedentes da campanha que ora se intensifica na capital paulista:

—Dando por terminada a greve de outubro — que fomos levados como último re-

curso diante da intransigência dos patrões em chegar a acordo por meios pacíficos — nós trabalhadores, acatamos a decisão do TRT, que nos concedeu 25% de aumento, quando reivindicávamos 45%. Demos assim, mais uma vez, demonstração de tolerância e desejo de acordo. No entanto muitos patrões, ao contrário disso, deixaram de acatar o pronunciamento do Tribunal. Ainda atinge a 10% o número de industriais que se recusam a pagar o aumento concedido. Mas

Aguardam os trabalhadores o julgamento dos recursos patronais, nos dias 13 e 15 da corrente — Um milhão de trabalhadores poderá entrar em greve, caso seja revogada a decisão do TRT de São Paulo

o fato de que trinta por cento dos patrões estão pagando é uma prova evidente de que não são falsas as alegações sobre dificuldades financeiras e crise. Mesmo na indústria têxtil (e a maioria dos industriais que não pagam o aumento pertence justamente a esse setor), os fatos demonstram que não existe a pretensa crise — não há excesso de estoques nem queda na produção.

Ora, se 90% dos empregadores — das indústrias metalúrgicas, gráficas, de papel e papelão, curtumes o mesmo de tecidos — estão pagando o aumento, por que não poderão pagar os outros, que constituem um número reduzido?

TODOS OS ESFORÇOS DESENVOLVEM OS TRABALHADORES

Depois da greve de outubro, novas categorias profissionais empenharam-se também em luta por aumento de salários: comerciários, vidreiros, trabalhadores nas indústrias químicas, em calçados, metalúrgicos do ABC, marceneiros, trabalhadores na construção civil. Agora, também esses trabalhadores acham-se ameaçados, ante o recurso impetrado pelos patrões junto ao Superior Tribunal do Trabalho.

Lançando mão de todos os meios a seu alcance vêm participando os trabalhadores de mesas-redondas, audiências, assembleias — tudo visando evitar a deflagração de uma nova greve, cujas consequências serão realmente sérias.

No dia 20 de dezembro, realizava-se na capital paulista uma grande passeata. Nela desfilaram dezenas de milhares de operários, das mais diversas profissões, conduzindo faixas e cartazes. Nêles exigiam o pagamento dos 25% de aumento, em cumprimento da decisão do TRT.

Atendendo os trabalhadores, que lhe faziam entrega de um memorial, ofereceu-se o governador Jânio Quadros a vir ao Rio, juntamente com representantes dos operários e dos patrões. Aqui avistaram-se com o Presidente da República e solicitaram o mais rápido andamento dos processos referentes à questão do aumento. E graças à boa vontade do presidente do STT, foram efetivamente antecipados os julgamentos e no próximo dia 13 deverá realizar-se o primeiro.

Agora, dizem-nos os dirigentes sindicais que se encontram no Rio — para cá viemos por delegação de nossos companheiros, a fim de acompanhar os trabalhos da Justiça do Trabalho e expor aos ministros do STT as justas razões dos trabalhadores.

PROSSEGUEM INTENSOS OS PREPARATIVOS DA GREVE

Inúmeras assembleias sindicais revelaram a decisão dos trabalhadores paulistas de lutar até o fim pelo pagamento do aumento salarial, arduamente conquistado. Em vista da intransigência dos patrões, aprovou a Aliança Inter-Sindical a deflagração de uma greve geral de todas as categorias, para 15 de janeiro próximo.



Trabalhadores gráficos de São Paulo, por ocasião da última greve. Agora voltam a se movimentar os trabalhadores, começando a realizar uma das maiores greves de sua história.

Essa greve, deverá atingir a cerca de um milhão de trabalhadores — todas as categorias que participaram da greve de outubro e ainda aquelas que estão em luta por aumento.

Desde o início do mês corrente, sucedem-se as grandes assembleias sindicais, como campanha preparatória para uma assembleia gigantesca, que se deverá realizar no próximo dia 12, no cine Oberdã. Os gráficos entraram em assembleia permanente; os metalúrgicos, decidiram enviar ao Rio uma grande caravana de trabalhadores, para acompanhar o julgamento dos recursos patronais — a eles deverá juntar-se uma caravana de têxteis, que para aqui virá com o mesmo fim.

Ao mesmo tempo que realizam suas assembleias, desenvolvem-se intensa propaganda junto às fábricas e locais de trabalho — manifestos, volantes, visitas de comissões sindicais às portas das empresas, edições especiais de jornais sindicais, de todas as categorias.

Só haverá greve como último recurso — afirmam os dirigentes sindicais. Mas é indispensável, para que ela não venha a eclodir, que sejam respeitados os direitos dos trabalhadores e mantida a sentença do TRT de São Paulo.

NÃO PODEM OS PATRÕES DESRESPEITAR A JUSTIÇA

A Justiça do Trabalho vem mantendo até agora uma atitude simpática em relação aos operários, tendo atendido inclusive a seu apelo de apressar a apreciação dos recursos. O mesmo tem feito o Ministro do Trabalho, Sr. Parsifal Barroso, que ajuda a Comissão Incumbida das gestões junto ao STT.

Os trabalhadores têm acatado as decisões da justiça. O mesmo não fazem os patrões. Não só deixaram de cumprir a sua sentença, em outubro, como vêm protestando, através da imprensa contra as ponderações feitas nas audiências do Tribunal do Trabalho.

São falsas as alegações sobre existência de desemprego

— afirmam categoricamente os dirigentes sindicais paulistas. Isso não passa de chantagem dos patrões. Estes demitem operários que percebem 5 ou 6 mil cruzeiros, para admitir no dia seguinte um novo operário com salário-mínimo; obrigam muitos operários a aceitar indenizações bastante inferiores àquelas a que têm direito.

Quanto aos industriais têxteis os mais renitentes no cumprimento da sentença judicial — os dados econômicos divulgados recentemente demonstram também que não é verdade, como alegam, a existência de estoques fabulosos e de dificuldades financeiras insuperáveis. Muito ao contrário, eles têm obtido créditos e financiamentos, que utilizam para especulações imobiliárias e não para renovação da maquinária e compra de novos equipamentos.

Trata-se, portanto, de respeitar a decisão da Justiça do Trabalho e pagar os 25% de aumento salarial.

OS TRABALHADORES CONFIAM NA JUSTIÇA

Aguardam os trabalhadores paulistas os julgamentos dos dias 13 e 15 próximos.

Eles confiam no Superior Tribunal do Trabalho que, certamente, deverá manter a decisão do Regional de São Paulo. Não podem admitir qualquer rebaixa na percentagem, já reduzida, de aumento que obtiveram em outubro.

Mas ao mesmo tempo, prepararam-se para qualquer surpresa desagradável. Por isso mantêm-se em assembleia permanente, em seus sindicatos, firmemente unidos em torno de seus líderes e dirigentes.

— Conclamamos os trabalhadores, disseram à nossa reportagem os dirigentes sindicais Remo Forli, Dante Pellacani, Nelson Rustici, Silvestre Buzzo, — para que se unam mais fortemente, durante os preparativos da greve que poderá estourar no dia 15, a fim de exigir o cumprimento da sentença do TRT. Aos trabalhadores dos demais Estados, apelamos para a sua solidariedade e apoio, os quais nunca nos foram negados, em lutas anteriores.

CUMPRIMENTOS À VOZ OPERÁRIA POR MOTIVO DAS FESTAS DE ANO NOVO

VOZ OPERÁRIA recebeu, agradece e retribui cumprimentos e votos de Boas Festas e Feliz Ano Novo, das seguintes pessoas e firmas: Cia. T. Janér; Armaco; Vespesiano Muller e Umbelina; do Clube de Regatas Vasco da Gama; do poeta Luiz Teixeira Barros; dos Carteiros do Departamento dos Correios, H. Stern, Pedroso, do D. Federal; Distribuidora Nova Cultura do Salvador, Bahia, do vereador Sebastião Castanhar, de Mandaguçu, Paraná; José Lima da Silva, Rio Bonito, Estado do Rio; Aureliano Almeida, S. José dos Campos; Distribuidora Riachuelo de São Paulo; José Castanheira, de Itiútaba; e Joaquim Teixeira Chaves, de Juiz de Fora, Minas Gerais e outros.

«JUBILEU DE PRATA» DO SINDICATO DOS METALÚRGICOS DE S. PAULO



No clichê, vemos no alto a mesa que presidiu à solenidade na sede do Sindicato, destacando-se a presença do cardeal D. Carmelo Mota, Senador Lino de Matos, o representante do Ministério do Trabalho, da Delegacia do I. A. P. I., Vereadores, diretores e presidentes de Sindicatos e Federações. Em baixo, parte da assistência presente ao ato

Comemorou o Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, no dia 27 de dezembro de 1957, seu 25º ano de atividades e de lutas em defesa das reivindicações da categoria que representa.

Já em outubro se organizava uma comissão de diretores e jovens associados, que ficaram encarregados de elaborar um programa de festividades culturais, artísticas e esportivas. Realizaram-se dezenas de «shows» teatrais e musicais em vários clubes de bairros da Capital e de empresas; foram assistidos por milhares de pessoas. Para os três últimos dias de festividades foram programadas realizações especiais. Um ato solene teve lugar, no salão de festas do Sindicato, no dia 27; ali compareceram inúmeras personalidades e grande número de associados.

No dia 28, realizou-se um grandioso baile, no qual foi coroada a rainha do «Jubileu», srta. Alzira de Castro. Encerrando os festejos, houve no Estádio Distrital da Mooca um magnífico festival esportivo, com a participação de equipes das principais metalúrgicas de São Paulo: Metalúrgica Arouca, Santos Azevedo, Matarazzo, Paulista, Máquinas Piratininga, Siderúrgica Aliperti. À tarde, no mesmo local, houve a entrega dos troféus aos clubes vencedores e prêmios-consólio aos perdedores, além de medalhas a associados que se destacaram nas comemorações. Em seguida teve lugar a matineu dançante com a participação de centenas de pessoas.

PERICLITA A DITADURA VENEZUELANA

O primeiro dia do ano foi marcado, na América Latina, por mais uma vigorosa demonstração contra o ditador da Venezuela, que desta vez assumiu a forma de Insurreição armada. Os primeiros sinais externos da profunda crise política que está abalando o poder de Perez Gimenez foram as manifestações estudantis e populares da segunda quinzena de novembro último em protesto contra as eleições farsa, marcadas para 15 de dezembro. Naquela ocasião após a violenta dissolução de uma passeata, em consequência da qual houve mortos e feridos, declararam-se em greve os estudantes da Universidade de Caracas, que foi cercada e ocupada pela polícia.

A 15 de dezembro realizou-se o plebiscito no qual os eleitores só tinham o direito de votar pró ou contra a continuação de Perez Gimenez na chefia do governo. Relatam as notícias que as cédulas «sim» ou «não» eram de cores diferentes e que «em geral os eleitores se abstiveram de utilizar as câmaras reservadas, colocando seus votos «à vista de todos». Esse detalhe dá bem idéia da farsa representada por essas eleições», realizadas em ambiente terrorista e policial. O processo fide das empresas norte-americanas de petróleo prorrogou assim o seu mandato.

O levante armado de Maracay apesar de ter sido dominado pelas tropas fiéis a Perez

Gimenez, constituiu um expressivo sintoma da repulsa do povo da Venezuela ao ditador. A vitória governamental foi apenas temporária, e já é perfeitamente claro que os dias do atual regime venezuelano estão contados. Tudo indica que a nação irmã caminha rapidamente para um processo de relativa redemocratização e de volta a um regime constitucional, o que facilitará grandemente as lutas de seu povo pela liberdade e pela independência nacional. A queda da ditadura atual significará o fim dos campos de concentração nos quais morrem à fome e maus tratos dirigentes sindicais, líderes camponeses, patriotas das mais diversas tendências políticas e a volta de milhares de exilados políticos. Em torno dessa plataforma de restabelecimento das liberdades democráticas e de um regime constitucional unem-se neste momento as mais amplas forças, independentemente de suas divergências em outros terrenos.

ENCERROU-SE O CONGRESSO DA U.E.S.P.



Dos dias 16 a 22 de dezembro último esteve reunido na capital bandeirante, o IX Congresso Estadual dos Estudantes Secundários, do qual participaram delegados de todo o Estado. No conclave estudantil foram discutidos importantes problemas da mocidade estudiosa, entre os quais, jornada de seis horas de trabalho para os estudantes do curso noturno e restaurante estudantil. Em aca- lorados debates foram, também, discutidos os palpitantes problemas do momento nacional brasileiro, tais como o nacionalismo e entreguismo, tomando o Congresso a esse respeito, importantes resoluções de cunho patriótico e democrático. Vale destacar, por sua oportunidade, a aprovação pelo Congresso de uma Moção para que o Brasil mantenha relações comerciais e diplomáticas com todos os países. No clichê, parte do plenário, por ocasião da instalação do IX Congresso.

LIBERADAS PELA JUSTIÇA DE SÃO PAULO AS PUBLICAÇÕES APREENDIDAS PELO D.C.T



Um extenso acervo de livros contra a cultura nacional vinha sendo perpetrado pelo Departamento de Correios que há cerca de dois anos estava detendo quatro toneladas e meia de publicações de diversos países do mundo, adquiridos comercialmente pela Livraria das Bandeiras que opera na capital paulista.

Após moroso processo movido pela firma comercial, foram, finalmente, liberados pela Justiça os objetos apreendidos que se encontravam no D.C.T. atacados por ratos, traças, baratas e pela umidade. A não entrega deste copioso material de caráter cultural, científico, literário e artístico provocada pelo DOPS, determinou um vultoso prejuízo à livraria privada de comércio consorciado ao país parisiense. Alegando ser material subversivo, o DOPS interceptou junto ao Correio e este, submetendo-se, arbitrariamente deixou de entregar as encomendas, oriundas da França, Itália, Inglaterra, Bélgica, Polónia, Suíça, Alemanha, URSS, Portugal, Tchecoslováquia, México, Uruguai, România, Argentina, China, Hong-Kong e outros países.

Na foto, o diretor gerente da Livraria das Bandeiras foi recebido, quando examinava uma parte do precioso material, no andar dos correios.

Os EE.UU. Não Estão Em Condições de vencer uma nova guerra.

(CONCLUSÃO DA 5ª PAG.)

ao foguete balístico inter-continental que nós lançamos o nosso Sputnik. Os Estados Unidos projetam lançar um satélite de 11 quilos. É isso um foguete balístico? E mais não sabemos ainda quanto eles lançarão tal satélite. O nosso primeiro Sputnik pesava 83 quilos e 600 gramas, o segundo tinha um peso útil de 508 quilos. E podemos, se necessário, dobrar este peso.

H. Shapiro: Tendes a intenção de lançar brevemente um novo Sputnik?

N. Kruschiov: Não é necessário no momento. É preciso antes estudar todos os dados científicos obtidos, depois do lançamento dos dois primeiros.

H. Shapiro: Fala-se muito atualmente de um vôo à lua.

N. Kruschiov: Não buscamos lugar na lua para ali viver. Não estamos mal aqui. Mas falando seriamente, os satélites artificiais lançados pela URSS são um grande passo no caminho da realização dos vôos inter-planetários.

H. Shapiro: Permiti voltar aos foguetes. Além dos foguetes inter-continentais existem também foguetes que podem ser lançados partindo de bases.

N. Kruschiov: Os Estados Unidos possuem tais foguetes, mas eles não são inter-continentais. O foguete inter-continental é para nós um problema resolvido. Sendo o caso, nós podemos lançar ainda outros Sputniks. E nós os lançamos tantos quantos necessários porque para isso não temos necessidade de nada de novo no domínio técnico. É suficiente substituir a carga de hidrogênio pelos aparelhos necessários. O foguete balístico que nós utilizamos pode conduzir também uma carga de hidrogênio. Entretanto ele foi experimentado com uma carga branca. Nós gostaríamos jamais ter necessidade de lançar foguetes portadores de uma carga de hidrogênio.

ENCERROU O SEU TEMPO A AVIAÇÃO ESTRATÉGICA

H. Shapiro: Já dissestes que com o desenvolvimento dos foguetes todos os tipos de bombardeiros haviam encerrado o seu tempo. Entretanto os nossos chefes militares afirmam que isso não é exato.

N. Kruschiov: Mas eles não podem afirmar outra coisa. Se eles reconhecessem que isso é certo os contribuintes americanos diriam: vós nos tomastes tantos bilhões e construístes bombardeiros. E agora o que fareis com eles? É difícil para os vossos chefes militares renunciar à política que eles conduziram até aqui no domínio do equipamento para o exército.

EXERCÍCIO DE TIRO AO ALVO COM FOGUETES

H. Shapiro: Pensais que a URSS adiantou-se aos Estados Unidos não somente no terreno dos foguetes inter-continentais mas também na produção de foguetes em geral?

N. Kruschiov: Isso é incontestável. Certas personalidades nos Estados Unidos dizem atualmente que especialistas alemães feitos prisioneiros durante a segunda guerra mundial nos teriam ajudado. Isso naturalmente é absurdo. Julgai por vós mesmos. As tropas americanas ocuparam as bases dos V-1 e V-2 alemães. Os americanos levaram o construtor-chefe, os especialistas e todo o equipamento. Entretanto, o foguete balístico inter-continental não foi ainda criado nos Estados Unidos.

Os foguetes criados na URSS são o resultado do progresso da ciência e da técnica soviética, da nossa indústria. Essas realizações são o orgulho do nosso povo, do nosso Estado socialista.

Os nossos construtores criaram também foguetes que

podem golpear qualquer base na Europa, na Ásia e na África se o nosso país for atacado. Desde o primeiro ensaio, o nosso foguete caiu exatamente no ponto visado. Se nos entendermos sobre o desarmamento com os EE. UU. e os outros países talvez poderemos resolver uns e outros, instalar os nossos foguetes sobre qualquer polígono, escolher um alvo e rivalizar no lançamento de nossos foguetes antes de os enviar para o museu ou de os destruir.

A DIREÇÃO COLETIVA DO COMITÊ CENTRAL

H. Shapiro: Permiti-me voltar às questões da situação interna da URSS. Após a sessão de junho do Comitê Central do Partido Comunista da URSS, e agora também, desde que o marechal Zuhov foi destituído de suas funções, fala-se no estrangeiro da falta de estabilidade na direção soviética. Que podeis dizer a esse respeito?

N. Kruschiov: Nós temos um provérbio que diz: comadre faminta só pensa em pão. Os porta-vozes da reação imperialista gostariam muito que a direção da URSS não tivesse estabilidade. Eles sonham com isso. Esta miragem os persegue já há quarenta anos e eles não podem se livrar dela. Nós bem o compreendemos. Não é por acaso que eles são capitalistas.

O que quereis dizer com esta expressão «uma direção instável»? Isso significa sem dúvida flutuante? Todos os homens sem idéias preconcebidas compreendem que não se pode dizer isso dos organismos dirigentes da URSS. Quanto às mudanças na composição desses organismos, elas testemunham justamente a solidez da direção coletiva do Comitê Central do nosso Partido. Uma direção fraca, instável, poderia tornar decisões como a exclusão de Molotov do Comitê Central, o qual havia feito parte da direção durante dezenas de anos? Como a exclusão de Kaganovitch, de Malenkov, de Chepilov? Ou então tomemos a questão do Marechal Zuhov: mostrou-se com efeito, um soldado e um comandante destacado e ele é digno de suas altas condecorações. Mas ele cometeu grandes erros políticos e por isso o Comitê Central o excluiu do Presidium assim como do Comitê Central. O que é que isso prova? Isso prova que o Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética aplica sanções a todos os que cometem erros, sem olhar os seus méritos passados. O Comitê Central exprime a vontade do Partido e o povo segue o Partido. Aí reside a força ou, como dizeis, a estabilidade da direção do nosso partido e do nosso governo.

H. Shapiro: Quando falais da direção coletiva, quereis dizer que se trata do Comitê Central ou do Presidium do Comitê Central?

N. Kruschiov: Entendo ser o Comitê Central do nosso Partido. O Presidium é o órgão executivo do Comitê Central.

H. Shapiro: Mas a quem pertence a iniciativa? Ao Presidium ou ao Comitê Central?

N. Kruschiov: O Presidium coloca as questões que correspondem ao interesse do Partido e o Comitê Central as examina. O Comitê Central discute as questões e toma decisões que são do interesse do partido e do povo. A direção coletiva não se limita aos membros do Comitê Central. Em nosso Partido a direção coletiva se realiza de alto a baixo. O Comitê Central é o órgão supremo do Partido Comunista da URSS. Existem também os Comitês Centrais dos partidos comunistas das repúblicas federadas, os comitês do partido dos territórios, das regiões, das cidades dos distritos. Todos baseiam a sua atividade sobre os princípios da direção coletiva. Tudo isso tomado em conjunto constitui a direção coletiva de nosso partido. É o que permite ao partido exercer com sucesso a sua direção em todos os setores da edificação socialista.

H. Shapiro: Permiti que vos agradeça por esta entrevista.



Correspondência

EM PERNAMBUCO:

Várias Categorias Profissionais Conquistam Aumento Salarial

★ **CONCENTRAÇÃO E PASSEATA DOS TEXTEIS METALÚRGICOS, TRABALHADORES NA INDÚSTRIA DO AÇÚCAR E DE EXPLOSIVO ESTÃO EM DISSÍDIO COLETIVO**

RECIFE (Do correspondente) — Depois de muito haverem lutado em torno de aumento salarial, conquistaram os operários têxteis pernambucanos, por decisão unânime do TRT, uma majoração de 25%, que será calculada sobre os salários vigentes em janeiro de 1957, sendo excluídas dos cálculos do dissídio aquelas empresas que provarão sua má situação financeira.

FRUTO DA UNIDADE DOS TECELÕES PERNAMBUCANOS

No dia do julgamento do dissídio todas as dependências do Tribunal Regional do Trabalho encontravam-se repletas de trabalhadores que ali permaneceram durante toda a sessão de julgamento, prorrogando em aplausos ao ser anunciada a decisão final, dando-lhes parte de causa. Após saírem em passeata pelas principais ruas da cidade até a sede do Sindicato, re-

gozados com a vitória conseguida.

Falando à reportagem, o presidente das tecelões recifenses, sr. Wilson de Barros Lea, assim se expressou:

— A decisão foi um ato de inteira justiça e veio atender plenamente às aspirações dos trabalhadores que dirijo. Esta vitória, quero ressaltar, foi mais um fruto da unidade dos têxteis pernambucanos.

30 POR CENTO PARA OS CINEMATOGRAFISTAS

Na mesma ocasião em que os tecelões conseguiram seu aumento de salários, conquistavam também os empregados das empresas distribuidoras cinematográficas desta capital uma majoração geral de 30 por cento, depois de uma luta reñida com os patrões.

DISSÍDIO DOS METALÚRGICOS

Devera seguir ainda esta semana para instância superior o dissídio coletivo dos

Trabalhadores Metalúrgicos, já apreciado pelo Tribunal Regional do Trabalho (15 por cento de aumento), isto em virtude de não haver se conformado o sindicato dos trabalhadores, interpondo recurso no Rio, o sindicato suscitante pleiteará majoração na base de 30 por cento, enquanto o sindicato patronal, alegando incapacidade financeira das empresas também recorrerá apesar de insignificante aumento concedido aos seus empregados pelo TRT.

ADIADO O JULGAMENTO DO DISSÍDIO

Foi adiado, com data ainda não fixada, o julgamento pelo TRT do dissídio coletivo suscitado pelo Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Explosivos de Pentezinha, interior do Estado, em face de o advogado do sindicato patronal haver requerido adiamento da audiência de conciliação ao presidente do Tri-

bunal Regional do Trabalho, que deferiu o requerimento dos industriais.

APOIO AOS TRABALHADORES DO AÇÚCAR
Acaba a Câmara Municipal de Catende, interior do Estado, de aprovar, por unanimidade de votos, o seu integral apoio ao Sindicato dos Trabalhadores na Indústria do Açúcar de Pernambuco na luta que vem sustentando por um aumento de 45% nos seus salários.

Nesse sentido enviou o presidente daquela Câmara um telegrama ao presidente desse órgão de classe, externando o referido apoio.

Propaganda Nacionalista Na Paraíba

JOAO PESSOA (Do Correspondente) — O Movimento Nacionalista Brasileiro, seção da Paraíba, cumpriu com brilhantismo o seu programa para o mês de dezembro. Nos dias 21 e 22 de dezembro próximo passado, aquela entidade realizou dois importantes comícios, um no bairro do Oitizeiro, nesta capital e outro no município de Santa Rita. Ambos os atos públicos foram assistidos por grande número de pessoas que não regatearam seus aplausos aos oradores que falaram.

Constaram do programa dos comícios, a projeção de dois filmes sobre a Petrobrás, o que foi feito, arrancando aplausos da população.

FORTALECIDO O MOVIMENTO NACIONALISTA DOS ESTUDANTES DE BAURU



BAURU, S. P. (Do Correspondente) — Numa disputa entre três chapas, realizaram-se as eleições para a nova Diretoria do Centro Acadêmico «Nove de Julho», dos alunos da Faculdade de Direito desta cidade.

As três chapas concorrentes nas eleições eram constituídas com elementos reconhecidos nacionalistas e defensores das reivindicações dos estudantes de direito. Buscando unificar as correntes mais democráticas e nacionalistas e ao mesmo tempo obter um pronunciamento coletivo dos componentes de cada chapa, o jornal estudantil «Balancinha», organizou um esquema de dezenove pontos e apresentou aos candidatos. Nos dezenove pontos estavam contidas as principais reivindicações específicas dos estudantes e as reivindicações nacionalistas, por que se batem os estudantes de todo o Brasil. Todos os componentes de chapa responderam ao questionário. Do julgamento criterioso das respostas, surgiu a Chapa Nacionalista, formada por elementos do PUA e do PAD (agremiações político-acadêmicas). Esta frente nacionalista foi vitoriosa, derrotando o PAR, que há cinco anos consecutivos elegia a direção do Centro.

Com o apoio da frente nacionalista elegeu-se a nova direção para a Associação Atlética Acadêmica «Nove de Julho», cujos candidatos foram apresentados pelo Partido Acadêmico Realizador (PAR).

Na foto, flagrante da passeata realizada pelos estudantes, em regozijo pela vitória. Num canhão, conduzem uma torre, simbólica, de petróleo.

A BATALHA DA DIFUSÃO

Queremos iniciar a seção com os nossos agradecimentos pelos votos de Boas Festas e Feliz Ano Novo, com que nos distinguiram muitos de nossos agentes do interior. Agradecemos e retribuímos e confiamos em que os esforços de todos não de nos possibilitar novos êxitos na batalha da difusão da nossa querida VOZ OPERÁRIA.

Registrarmos como uma das contribuições mais positivas para o aumento da difusão do nosso jornal, a de São Paulo, que, só no mês de dezembro, conseguiu restabelecer 10 antigas agências, que se mantinham inativas. A essa realização, somamos os esforços de agentes na capital paulista, que cumprindo um plano de difusão apoiado em outras iniciativas, inclusive a de difundir o jornal na base de reportagens, especialmente, feita para os comandos conquistou aumentos apreciáveis, já divulgados por esta seção, anteriormente.

De outros estados chegam-nos novos dados referentes à batalha da difusão: a Bahia contribui com o aumento da cota de Salvador, e com o aumento no Sul baiano, restabelecendo a agência de Itabuna; a Paraíba obedecendo um plano, conseguiu aumentar a sua cota em 66% e reduziu o seu débito em mais de 40%. Estes são os fatos mais significativos e, por isso mesmo, dignos de estimular iniciativas noutros estados.

RECLAMAÇÕES: Por mais uma vez temos registrado as reclamações de agentes e assinantes de VOZ OPERÁRIA, contra as deficiências dos serviços dos Correios. Hoje, novamente, registramos outras reclamações contra desvios e atrasos injustificáveis, na entrega de jornais de agentes e assinantes de VOZ OPERÁRIA. Ao nosso agente em Pernambuco não está sendo entregue a quantidade de jornais; o nosso assinante de Alevares, Pernambuco, nunca recebeu jornal, que se manda toda sema-

na; o nosso agente em Neves Paulista, está recebendo sua quantidade de jornais, que sai do Rio, na sexta-feira, somente na terça ou quarta-feira seguinte, e o agente em Cornélio Procópio no dia 26 de dezembro, ainda não tinha recebido nossa remessa de jornais do dia 20. E a remessa para Diamantina em 27/12 até dia 3 de janeiro, não, tinha chegado. Uma medida se impõe por parte da direção dos Correios, no sentido de ser restabelecida a regularidade nas entregas de jornais aos

agentes e assinantes de VOZ OPERÁRIA. Assim o esperamos.

NOVAS AGÊNCIAS: Marília, Presidente Prudente, B do Pirai, Fortaleza (MB)

AGÊNCIAS SUSPENSAS: Araras, Mogi das Cruzes (448).

AGÊNCIAS RESTABELECIDAS: Araguari, Itabuna, Botucatu, Mogi das Cruzes (449), Poços de Caldas e São Luiz.

AUMENTOS: Salvador mais 20%; Fortaleza mais 94%.

REDUÇÃO: Ilheus menos 34%; Manaus menos 0,9%; Rio Claro, menos 1,7%.

NOVOS ASSINANTES: Itati (PR), Pres. Olegário (MG), S. R. J. Preto (SP) Pres. Prudente (SP) e Rio.

MUDANÇA DE NOME DE ASSINANTE: Recebemos e providenciamos a mudança de nome da assinatura de Miguel David Filho para Miguel Martins e aumentá-la, para 10.

Recebemos e atendemos o pedido de S. J. Rio Preto.

PAGAMENTOS DE 26/12 a 8/1/58: Diamantina, Campo Grande, Campina Grande

São Paulo (3), Natal, Irati, Cuiabá, Montes Claros, Patos de Minas, Poços de Caldas,

Rio Claro, Cornélio Procópio, Juiz de Fora (JB), João Pessoa, Fortaleza (C.F.), Pres. Olegário, Barra do Pirai, Gov. Valadarez, Neves Paulista, S. J. Rio Preto, Curitiba, Ma-

naus, Fortaleza (FL), Mandaguá, Jundiá, Bauru, Ituiubata, Santos, Botucatu, Salvador, Cruzeiro D'Oeste, Ponte Nova, Içanga, S. J. Campos, S. J. Nepomuceno, Diamantina e S. Luiz.

REPORTAGEM DA CMTC (São Paulo) — Em virtude do atraso com que recebemos a reportagem, a mesma só será publicada na nossa edição nº 450, a sair no dia 18 do corrente. A reportagem sobre a juventude paulista sairá no dia 25 de janeiro, edição 451. Confiamos em que a edição com as referidas reportagens venham a obter o mesmo êxito número em que dedicamos uma página a Osasco.

VOZ OPERÁRIA

Diretor
Mário Alves

MATRIZ:
Av. Rio Branco, 257, 17.
and. s/ 1.712 - Tel.: 42.7944

ASSINATURAS:

Anual	150,00
Semestral	80,00
Trimestral	60,00
Núm. avulso	3,00
Núm. atrasado	5,00

Aérea ou sob registro, despesas à parte:

SUCURSAL
Voluntários da Pátria, nº
PORTO ALEGRE — Rua
66, s/ 43.

SENSACIONAL!

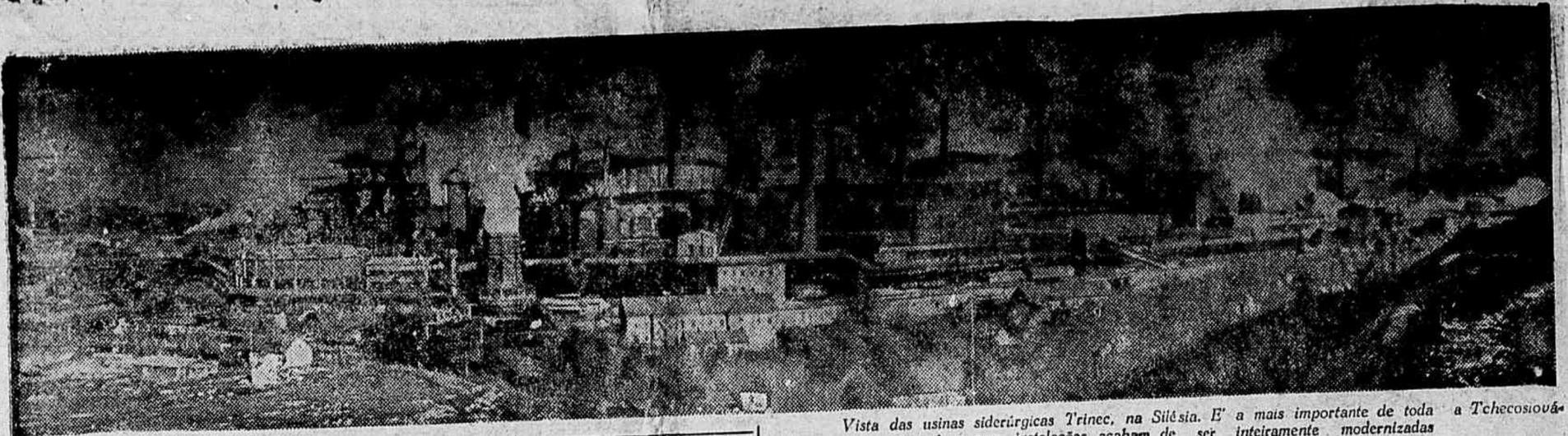
O LIVRO NEGRO
dos crimes de
nove anos e cinco
firmas os crimes
o Brasil e os
Estados Unidos

O Brasil na Era Atômica
OLYMPIO GUILHERME

UNO NEGRO PRODUZIDO EM ANAGRAFIA POR
MEMBRAS DA VOZ E DA VOZ OPERÁRIA

LIVRARIA

TCHECOSLOVÁQUIA - UMA REPÚBLICA DEMOCRÁTICA FLORESCENTE



Vista das usinas siderúrgicas Trinec, na Silésia. É a mais importante de toda a Tchecoslováquia e suas instalações acabam de ser inteiramente modernizadas

EM DOZE ANOS DE DEMOCRACIA POPULAR, A TCHECOSLOVÁQUIA ALCANÇOU NOTÁVEIS ÊXITOS NA PRODUÇÃO INDUSTRIAL E AGRÍCOLA — O SEGUNDO PLANO QUINQUENAL (1956-1960) DEVERÁ ULTRAPASSAR OS ÍNDICES PREVISTOS — BAIXAM CONSTANTEMENTE OS PREÇOS DOS BENS DE CONSUMO, E LEVAM-SE OS SALÁRIOS E MELHORA O BEM ESTAR DO POVO

A República Democrática da Tchecoslováquia, situada no Coração da Europa, é um país de 128 mil km², com uma população de 13 milhões de habitantes. Possui uma rica e antiga cultura e uma indústria e agricultura bastante desenvolvida. Com a vitória das forças democráticas sobre os nazi-fascistas, em maio de 1945, libertaram-se os povos oprimidos pelas tropas hitleristas e foi proclamado o novo poder democrático popular.

Dois povos, com direitos iguais, habitam a Tchecoslováquia: os tchecos e os eslovacos. Estão unidos não só por seus idiomas, muito parecidos, mas por inúmeros laços históricos e econômicos.

A Tchecoslováquia já era, antes da Segunda Grande Guerra, um dos dez países do mundo mais desenvolvidos do ponto de vista industrial. São mundialmente famosos suas motocicletas e automóveis, seus cristais e locomotivas, suas instalações industriais completas — usinas de açúcar, destilarias e cervejarias, fábricas de calçados — e muitos e muitos outros importantes ramos da indústria e da agricultura.

OS DOZE ANOS DE PODER DEMOCRÁTICO

O ano de 1957, foi o segundo ano do Segundo Plano Quinquenal e o décimo segundo, após a libertação. Completaram-se assim, doze anos de regime democrático popular, num dos mais importantes países da Europa Central. Que significação teve esse decênio e pouco, na vida do povo tcheco?

Em outubro de 1945 realizou-se a primeira etapa da nacionalização — 60% de toda a economia nacional passava para as mãos do povo; em março de 1948, mais de 30% da indústria, todo o comércio exterior, o comércio atacado e inúmeros outros ramos

da economia — aliados às leis de reforma agrária, criaram as premissas para o florescimento da economia nacional e o aumento do bem-estar do povo. A partir de então, a produção industrial cresceu com um ritmo jamais visto, particularmente a pro-

dução de combustíveis, de energia elétrica e de aço. Em 1937 — ano de auge de pré-guerra — as estações elé-

tricas tchecas produziam 4.1 bilhões de kw/hora. No ano de 1955, a produção de energia elétrica passou para 15 bilhões, ou seja, aumentou cerca de 4 vezes. Em 1937, as usinas produziram 2.3 milhões de toneladas de aço; em 1955, a produção já atingira 4.5 milhões de toneladas, portanto, quase duas vezes mais. As minas de carvão tchecas forneceram em 1937 — 34,7 milhões de toneladas e, já em

mais de 250 mil hectares foram também distribuídos. Os camponeses começaram a agrupar-se em cooperativas agrícolas e com o apoio do Estado, essas cooperativas puderam edificar, em um único ano e por seus próprios meios, milhares de currais, estábulos, etc. As rendas totais dos membros das cooperativas aumentam constantemente. Enquanto em 1951 eram de 1.140 coroas por hectare, já em 1953, atingiam 1.717 coroas e, em 1955, a 2.615 coroas. No segundo quinquênio (1956-1960) a produção agrícola deverá crescer em mais de 30%.

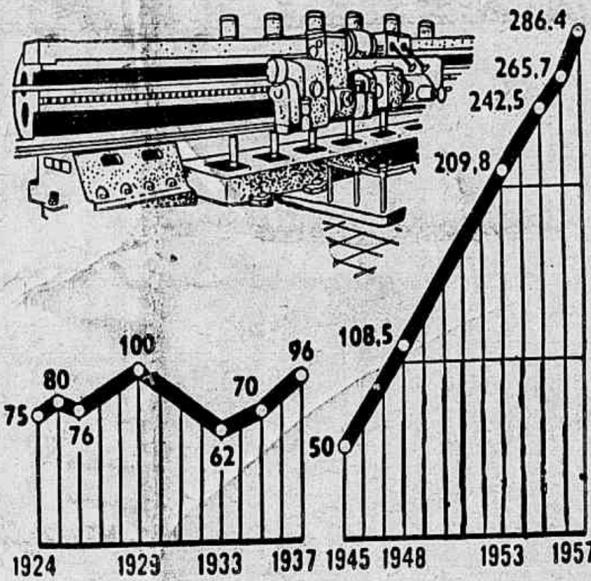
MAQUINARIA TCHECA AJUDA OUTROS PAÍSES

Como país industrial altamente desenvolvido, a República tcheca vem ajudando desde 1952, inúmeros países subdesenvolvidos e mais atrasados do que ela, fornecendo-lhes instalações mecânicas, centrais elétricas, equipamentos completos. A Islândia, Índia, Turquia, Indonésia, Síria, Egito, Afeganistão, além de muitos outros, inclusive países latino-americanos, contam com o auxílio desinteressado da República democrática tcheca.

Anualmente, no mês de setembro, realiza-se na cidade de Brno, uma importante exposição de maquinaria. Em 1957, o número de produtos atingiu a 4.000 e os novos modelos ultrapassaram a 500. Milhares e milhares de visitantes acorreram a Brno, de todas as partes do mundo. Entre eles se incluem Ministros de Estado, parlamentares, autoridades governamentais de dezenas de diferentes nações.

Também em vários países vêm-se realizando exposições da indústria tcheca. Ainda recentemente, na capital da Índia — Nova Delhi, obtinha grande êxito uma iniciativa semelhante. Na República Popular da China, no distante Tibet, chegavam poderosos caminhões tchecos, capazes de romper qualquer obstáculo com que se deparassem.

Com a ajuda fraternal dos demais países socialistas, em primeiro lugar da grande União Soviética, caminha a nova da Tchecoslováquia para novas e mais grandiosas realizações.



Vemos no gráfico os índices da produção industrial de antes da guerra, o plano e a produção industrial depois de instaurada a democracia popular.

1955, a cifra se elevava para 62,8 milhões.

Nos dez primeiros anos da existência da Tchecoslováquia democrático-popular, foram edificadas muitas empresas industriais — entre elas: 30 grandes diques, com um volume total de 1.350 milhões de m³ de água (5 vezes mais do que tinha o país antes da guerra); 6 altos fornos elétricos, 8 usinas de laminados, uma fábrica de alumínio. Apenas nos 5 anos do plano quinquenal foram edificadas 24 novas oficinas de construção de máquinas, 10 grandes frigoríficos, 46 câmaras frigoríficas, 30 fábricas de laticínios, oficinas para a produção de açúcar etc.

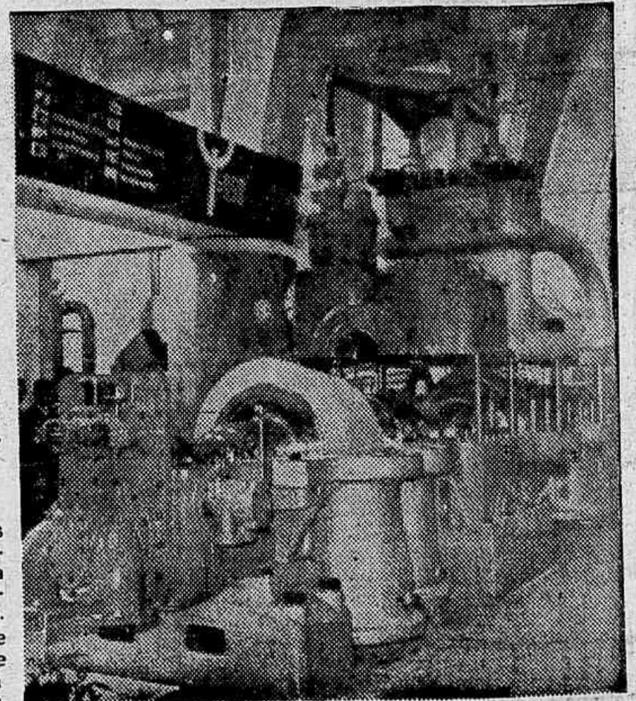
Em 1955, término do primeiro plano quinquenal, a produção industrial tcheca crescera de 350%, comparada com 1937.

OS ÊXITOS NA AGRICULTURA

Transformações essenciais realizaram-se também na agricultura da Tchecoslováquia popular. Em 1945, foram divididas as grandes propriedades latifundiárias, de mais de 50 hectares. Distribuíram-se entre os pequenos proprietários e os camponeses sem terra, mais de um milhão e meio de hectares de terra e, depois da nova reforma agrária,



Tratores de tratores tchecos marca "Zetor" funcionam na América do Sul, Finlândia, na China e em outros países. Aparece na foto o novo modelo de trator sem lagarta, "Zetor 25 A", já pouco lançado no mercado.



As instalações e equipamentos elétricos constituem um dos mais importantes setores da exportação tcheca. No clichê: turbina elétrica de dois eixos.